



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

LUCINEIDE SOUSA SANTOS

O ENTUFADO-BAIANO, A ÁGUIA E O ENSINO DA CIÊNCIA

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2019

LUCINEIDE SOUSA SANTOS

O ENTUFADO-BAIANO, A ÁGUIA E O ENSINO DA CIÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

**VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

O Entufado-baiano, a Águia e o Ensino da Ciência

Autora: Lucineide Sousa Santos

Data de aprovação: 24 de abril de 2019

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

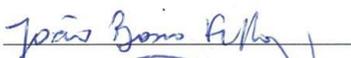
Área de concentração: Ensino na Educação básica

COMISSÃO JULGADORA:

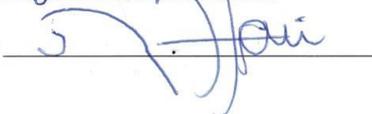
Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo – Orientador



Prof. Dr. João Bosco Filho (UERN)



Prof. Dr. Rubens de Jesus Sampaio (UESB)



S236e

Santos, Lucineide Sousa.

O entufado-baiano, a água e ensino da ciência. / Lucineide Sousa Santos, 2019.

73f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2019.

Inclui referência F. 71–72.

1. Conhecimentos científicos. 2. Saberes da tradição. 3. Reforma do pensamento.
4. Entufado-baiano- Narrativas. I. Figueiredo, Renato Pereira. II. Universidade
Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino - PPGEn.

CDD 001.01

AOS MEUS FAMILIARES

A minha conquista acadêmica se deve a todo apoio, ajuda e compreensão. Não é só minha, mas daqueles que se alavancaram este importante degrau do meu crescimento profissional e da minha vida. Obrigada, FAMÍLIA. Alicerce de tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o que posso oferecer por estas linhas a todos aqueles que, direta ou indiretamente, com ações ou com orações, puderam, de alguma forma contribuir com esta conquista. As pessoas mais próximas da minha vida sabem todos os obstáculos que superei para chegar até aqui. Morar 150 km da universidade, ter que me distanciar do meu filho tão pequeno, trabalhar 40 horas semanais. Tudo isso não era fácil. Dias angustiantes. Lutas que pareciam intermináveis. Mas aqui estou. Como minha vida sempre foi de superação, desde aquele dia que entrei numa faculdade pública pela primeira vez. Pobre, sem recursos financeiros, cursando Pedagogia em outra cidade, no auge do curso, e em uma faculdade pública. Tive que me virar, embora a minha família sempre me ajudasse, dentro de suas possibilidades. Com todas as adversidades cursei outra faculdade. Fiz Química na mesma egrégia universidade, UESB, prestei concursos, nos quais alcancei aprovação, sempre acreditando que o que sabemos é uma gota, mas, com certeza, o que ignoramos é um oceano.

Primeiramente, agradeço a **DEUS**, que com sua infinita bondade me proporcionou vivenciar esta importante etapa da minha vida, convivendo com pessoas que não me permitiram desistir dos meus ideias.

Agradeço imensamente aos meus pais, **PALMIRO e EDITE**, por serem o epicentro de tudo, o alicerce que dá sustentáculo à minha existência.

Aos meus irmãos, **PALMIRA, DARIO, FÁBIO e SÉRGIO**. Cada um, de alguma forma, pode me ajudar. Em especial à minha irmã **PALMIRA**, que material e espiritualmente tem uma enorme parcela nesta minha vitória.

Ao meu filho amado **KAIQUE DAVI**, esperança de dias melhores.

À minha sobrinha amada **PAULYNE**, pelas orações, amor e por toda torcida.

Ao meu esposo **CARLOS**, por ter sido um grande companheiro nas muitas viagens para concretizar este sonho.

A uma grande irmã, com quem tive apoio em me oferecer moradia em Vitória da Conquista, um ser mais que humano que se preocupou comigo nos mínimos detalhes. **LUCIENE PESSÔA**. Não tenho adjetivos para lhe qualificar.

Ao meu cunhado **DENILSON**, pelas incansáveis viagens a me buscar no retorno da faculdade, na cidade de Itapetinga. Chegava cansada e, muitas vezes, sem me alimentar direito. Ainda à noite, quando não mais havia transporte para minha cidade, que distam 45 km de estrada com péssimo asfalto.

Ao Mestrado em Ensino, em especial às amizades fecundas que construí. **DRI, GIL, GRACY**. E a todos que somaram energias positivas.

Às minhas colegas **JANDIRA E ANÉSIA**, por terem tanto me ajudado em meu árduo trabalho no Colégio Estadual São Pedro.

Ao **GEPECC**, por me acolher tão bem e depositar confiança em mim. Em especial à professora **MÁRCIA**, por seu carisma, conhecimento e humanidade. Nunca irei esquecer a sua acolhida para comigo e defesa em favor de todos.

E à amiga **LUNA**, por sua simplicidade, mesmo sabendo tanto, e por toda disponibilidade em ajudar sempre, com suas palavras de otimismo e confiança. Você é uma estrela de tão alta grandeza que não posso classificá-la. Obrigada por ter me dado a oportunidade de conhecer e conviver com alguém tão disposta a ajudar e a servir.

Ao senhor **TOINHO DE BIÃO** e ao seu **BIU**, pessoas que me impregnaram de sentido, fizeram com que reolhasse a vida e as minhas atitudes. A leveza da alma reside na humildade. Muito obrigada, por exalarem sabedoria e benesses.

Aos professores do Programa, em especial ao professor **BENEDITO**, que com seu carinho e preocupação sempre me incentivou nesta caminhada.

Aos professores da Banca Examinadora, tanto da Qualificação quanto da Defesa: **MARIA A CONCEIÇÃO DE ALMEIDA, JOSINEIDE SILVEIRA DE OLIVEIRA, RUBENS E JESUS SAMPAIO**, pela disponibilidade em compartilhar tantos saberes.

Ao **ENTUFAO-BAIANO**. Grande vetor de esperança. Que impulsiona e acende a minha sensibilidade para não desistir do sonho.

E, por fim, ao grande maestro que orquestrou a construção deste trabalho, o meu **ORIENTADOR**, professor **RENATO**. A sua dedicação exclusiva, a sua preocupação compenetrada, o seu jeito impulsivo, as suas palavras que ora afagam, ora aterrorizam, dizem um pouco de sua personalidade forte, no entanto, não conseguem decifrar a grandeza de sua alma. Ao senhor, só resta agradecimentos. Quando quase ninguém acreditava, o senhor meio desacreditado, deu-me esta oportunidade. Oportunidade de abandonar as raízes fincadas nas verdades absolutas e certezas cartesianas, para mergulhar na **COMPLEXIDADE**. Esta conquista é sua também. Obrigada por tudo.

*Tudo quanto a ciência descobre, a natureza já
ensinou há muito tempo*

Chico Lucas

LISTA DE SIGLAS

ABC – American Bird Conservancy: Instituição norte-americana que apoia projetos de conservação de aves ameaçadas nas Américas.

IEF-MG – Instituto Estadual de Florestas do Estado de Minas Gerais.

PROBIO – Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira do Ministério do Meio Ambiente.

RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural da Mata do Passarinho.

Birdlife (Vida das Aves) – Organização Ambiental Internacional para Conservação e Proteção da Biodiversidade de Aves e seus Hábitats.

IBA – Important Bird Areas – Áreas Importantes para Aves: Programa Internacional da Birdlife que lista territórios com maior proteção de aves ameaçadas.

AZE – Alliance for Zero Extinctions – Aliança para Extinção Zero: visa identificar e salvaguardar os locais mais importantes para a prevenção de extinções globais.

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1: Estrada de Macarani-BA com destino à Reserva Mata do Passarinho.....19
Fonte: Arquivo Pessoal
- Figura 2: Placa indicando o acesso à Reserva Mata do Passarinho.....21
Fonte: Arquivo Pessoal
- Figura 3: Quadro do entufado-baiano que enfeita a parede da sala da casa de seu Biu.46
Fonte: Arquivo Pessoal
- Figura 4: Mercaria e escola no Taboão da Serra.....50
Fonte: Arquivo Pessoal
- Figura 5: Escola da região do Taboão da Serra.....51
Fonte: Arquivo Pessoal
- Figura 6: *Merulaxis stresemanni* (macho).....58
Fonte: Ciro Albano
- Figura 7: *Merulaxis stresemanni* (fêmea).....58
Fonte Ciro Albano

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do fragmento florestal entre os municípios de Bandeira-MG, Jordânia-MG e Macarani-BA22

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/mesorregiao.html>.

Mapa 2: Mapa situando a Reserva Mata do Passarinho80

Fonte: <http://www.biodiversitas.org.br/projetoasas/publicacoes.html>.

RESUMO

A presente dissertação apresenta uma pesquisa que se concretiza a partir da minha inquietude quanto ao grande distanciamento do mundo dos saberes. Por um lado, os saberes da tradição, rotulados muitas vezes como um arquivo morto e sem identidade, por outro, os saberes científicos, encontrados na supremacia da ciência institucionalizada. Movida pelas vozes plurais, por um sentimento de pertencimento e pela necessidade de entrelaçar saberes, faço uma viagem, cujo destino final é a Reserva Mata do Passarinho. Uma Unidade de Conservação Ambiental pertencente aos municípios de Macarani, na Bahia, e aos municípios de Bandeira e Jordânia, em Minas Gerais. Para dar vida às minhas ideias, objetivei encontrar-me com o entufado-baiano, pássaro criticamente ameaçado de extinção e que possui os seus últimos registros na Reserva Mata do Passarinho. Como estratégia para o desenvolvimento da pesquisa, faço uso de narrativas, e, assim, construo uma relação dialógica entre o entufado-baiano, a água e o ensino da Ciência. Construído em três capítulos, entrelaçados por uma possível Reforma do Pensamento, proposta por Edgar Morin (2010), trago em De Olho na Mata, primeiro capítulo, a égide da minha essência, retratando o cheiro do quintal da minha infância e a primeira viagem rumo à Reserva. Ouvir a Natureza. Repensar a Vida, segundo capítulo, versa sobre quem são os intelectuais da tradição, ressaltando a importância das narrativas para a existência humana. E em Analogias Interpretativas e o Ensino da Ciência, terceiro capítulo, deixo à escola uma proposta e um desafio ao ensino da Ciência, da disjunção à importância de avizinhar saberes distintos, diversos e múltiplos. Proponho reencontros capazes de fecundar e fomentar uma nova organização dos conhecimentos, para quiçá, possamos desenvolver uma sensibilidade que nos proporcione vivermos em um mundo mais humano, mesmo com suas quimeras, encontros e desencontros.

Palavras-chave: Saberes da Tradição; Conhecimentos Científicos; Reforma do Pensamento; Narrativas; Entufado-baiano.

ABSTRACT

The current dissertation presents a research that became a reality from my restlessness about the large distancing from the world of knowledge. On the one hand, the traditional knowledge, often labeled as a dead file and without identity, on the other hand, the scientific knowledge which finds in the supremacy of institutionalized science. Motivated by plural voices, a sense of belonging and the need for interweaving knowledge, I take a trip whose final destination is the Reserva Mata do Passarinho. An Environmental Conservation Unit located among Macarani City in Bahia and Bandeira City and Jordânia in Minas Gerais. To give life to my ideas, I aimed to meet the entufado-baiano (*Merulaxis stresemani*), a bird under threat of extinction whose last records were at Reserva Mata do Passarinho. As a strategy for research development, I make use of narratives, and, thus, trace a dialogical relationship between the entufado-baiano, the eagle and the teaching Science. Built in three chapters, intertwined with a possible Thought Reform proposed by Edgar Morin (2010), fierce critic to the fragmentation of knowledge, I bring in Observing the Wood, first chapter, the aegis of my essence, portraying the smell of the my childhood and the first trip undertaken for the construction of this work. To listen to Nature. To rethink the Life, second chapter, deals with who the intellectuals of tradition are, emphasizing the importance of narratives for human existence. And finally in Interpretive Analogies and Science Teaching, third chapter, I let to the school a proposal and a challenge to the Science Teaching, from the disjunction to the importance to approximate different, diverse and multiple knowledge. I propose new encounters capable of fecundating and fostering a new organization of knowledge, perhaps we can develop the sensitivity that allows us to live in a more humane world, even with its chimeras, encounters and mismatch.

Key Words: Scientific Knowledge; Traditional Knowledge; Thought Reform; Narratives; Entufado-baiano.

SUMÁRIO

DE OLHO NA MATA.....	15
OUVIR A NATUREZA. REPENSAR A VIDA.....	30
ANALOGIAS INTERPRETATIVAS E O ENSINO DA CIÊNCIA.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
APÊNDICES.....	73

1. DE OLHO NA MATA

Uma ciência sem sujeito é o mesmo que um livro sem autor, uma casa sem alicerce, um crepúsculo sem sol, um discípulo sem mestre, um corpo sem alma. Uma matemática sem sujeito é o mesmo que um triângulo sem vértices, uma área sem extensão, uma fórmula sem símbolos. Um poeta sem alma equivale a um poema sem palavras. Um educador sem sonhos, dor, desejos, obstáculos e afetos é o mesmo que uma escultura em mármore frio fixada na solidão de um deserto (ALMEIDA, 2017, p. 159).

A epígrafe com a qual inicio este trabalho é da professora Maria da Conceição de Almeida, a quem carinhosamente chamamos de Ceíça Almeida, fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Uma apaixonada por uma *ciência que sonha* (ALMEIDA, 2003), por uma *ciência aberta* (ALMEIDA, 2017), que não se divorciará da vida, alicerçada pela religação de saberes. Esta epígrafe traz a importância da subjetividade, porque é nela que externamos quem somos, nossos medos, fragilidades, angústias, memórias, sonhos, afetos e desejos, ao mesmo tempo em que apresenta a ciência como sendo sempre uma produção de homens e mulheres, uma ciência de sujeitos que necessitam estar imbricados no conhecimento.

Precisamos ser este sujeito, reintroduzido no conhecimento, pois dele jamais tínhamos que ter sido expulsos. Em uma das sete diretivas para um pensamento que une, liga e entrelaça, visando um conhecimento multidimensional, Edgar Morin (2003), crítico ferrenho à fragmentação dos saberes, propôs o *Princípio da reintrodução do sujeito cognoscente em todo conhecimento*, operando a restauração desse sujeito.

É preciso devolver o papel ativo àquele que havia sido excluído por um objetivismo epistemológico cego. É preciso reintroduzir o papel do sujeito observador/computador/conceituador/estrategista em todo conhecimento. O sujeito não reflete a realidade. O sujeito constrói a realidade [...]. (MORIN, CIURANA, MOTTA, 2003, p. 37).

Neste viés, e sendo professora de Química, estabeleço uma conexão com o conceito de catalisador, que em uma reação química tem a dupla função de acelerar a velocidade para que as colisões moleculares produzam mais rapidamente o produto desejado e, ainda, ter a propriedade de não ser consumido no processo.

Percebo que há uma evidente necessidade de nos tornarmos como um catalisador, não pelo simples fato de acelerar a velocidade de uma reação química, mas por ter a propriedade de não ser consumido. Externar quem somos não é a reencarnação de um admirável ícone, muito menos a psicografia de *outrem*, é a nossa víscera mais nobre, o pulsar dos sentimentos

advindos do coração. E, assim, que não sejamos devorados, nem pelo conhecimento nem pela vida.

Quando estudava a 8ª série, hoje 9º Ano do Ensino Fundamental, tive que aprender o conceito de inércia. Mas nunca o esqueci. Ainda me lembro dando a lição de que inércia é a propriedade segundo a qual nenhum corpo por si só pode alterar seu estado de movimento ou de repouso. Essa definição permite-me associá-la à sociedade do século XXI, sociedade desumanizada, mercantilizada, encastelada, que urge de uma força que sobre ela atue, mais do que isso, que a transforme. O que vejo é uma sociedade que se encontra inerte, em que pessoas se olham, mas não se enxergam, se tocam, mas não se sentem, estão sozinhas, mesmo rodeadas de outras tantas, silenciam-se no silenciamento do vazio, aprisionam o diálogo, albergam doenças da alma. Sociedade em que o outro é sempre o outro, estranhos que nunca se conhecerão, vizinhos que nunca se falarão, sorrisos que nunca serão dados.

Humanizar esta sociedade é, para mim, uma necessidade. Não se trata de construir ou desconstruir teorias. É ir muito além. É perpassar por nossas origens, é partilhar as nossas essências, valorizar o sentimento de pertença, porque percebo não ser apenas suficiente evoluirmos no campo da tecnociência, dominarmos a biotecnologia, sabermos profundamente sobre os buracos negros intergalácticos ou descobirmos se realmente há vida em outros planetas. Porque há vida aqui, dentro de cada um de nós, e de nada adianta conhecermos as partículas subatômicas que constituem e compõem a matéria se olharmos para o espelho e não sabermos quem nele se reflete.

É no reflexo do espelho que busco me encontrar, construir as minhas novas cartografias cognitivas e narrar o que me move na construção deste trabalho. Moro em Macarani, pequena cidade do interior baiano. Sou filha de Palmiro Miguel dos Santos e Edite Marcos Sousa, analfabetos na escola e o epicentro dos melhores ensinamentos, das maiores lições que preenchem a bagagem da minha existência. Sou professora há vinte anos. Atualmente leciono Química no Colégio Estadual São Pedro e atuo como Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal Autímio Altamira Pires, ambas escolas no meu município.

Permitindo-me sentir o cheiro do quintal da minha infância e sob a égide da minha essência repousa o meu espírito inquieto. Movida pelas vozes plurais, por um sentimento de pertencimento e pela necessidade de entrelaçar saberes, faço uma viagem. O meu destino? Reserva Mata do Passarinho. Unidade de Conservação Ambiental pertencente aos municípios de Macarani (BA) e Bandeira e Jordânia (MG). O meu objetivo? Encontrar-me com um pássaro. Entufado-baiano (*Merulaxis stresemanni*), pássaro criticamente ameaçado de extinção, que possui os seus últimos registros na Reserva Mata do Passarinho. A minha meta?

Estabelecer uma analogia e construir uma metáfora entre o entufado-baiano, a águia e os saberes. A minha proposta? Retratar a ciência e propor a religação de saberes, deixando à escola um desafio, ou serem gaiolas ou serem asas, como bem elucidou Rubem Alves (2002).

Um pedaço da reserva está no meu município. *De olho na mata*, percebo que moléculas de água brotam de suas terras, que somadas a tantas outras desembocam nos rios da minha região. A floresta se recompõe e árvore a árvore constitui a reserva. Assim, gota a gota, folha a folha, espécies encontram refúgio e a vida sobrevive. Último refúgio do entufado-baiano, pássaro endêmico da mata atlântica e expressão de luta pela sobrevivência. Desta forma, pude ver e perceber que me identifico com este espaço, mais ainda, que me identifico com a natureza e que me incomodo com o grande distanciamento dos meios escolares dessa ciência aberta proposta por Ceiza Almeida, que pode protagonizar mudanças de atitudes e valores, diminuindo o hiato que separa o mundo dos saberes.

A partir desta oportunidade, faço a tessitura do meu caminho, trazendo momentos que preenchem as minhas lembranças de significado e narrando a trajetória desta minha busca por um pássaro. Neste percurso, apresento as trilhas que me guiaram na construção desta narrativa *O Entufado-baiano, a Águia e o Ensino da Ciência*. São elas: 1) *De Olho na Mata*; 2) *Ouvir a natureza. Repensar a Vida*; 3) *Analogias Interpretativas e o Ensino da Ciência*.

De Olho na Mata, primeiro capítulo desta dissertação, narra uma viagem, cujo destino final é a Reserva Mata do Passarinho. Nesta perspectiva, descrevo o primeiro percurso que imprimi para a construção deste trabalho, retratando as lembranças do quintal da minha infância bem como percalços e ladeiras íngremes, vivenciados por mim, na realização deste trajeto. Apresento também a Reserva Mata do Passarinho, hábitat de vidas e histórias.

Durante a passagem de *Ouvir a Natureza. Repensar a Vida*, segundo capítulo deste trabalho, retrato quem são os *intelectuais da tradição*, termo criado por Maria da Conceição de Almeida (2017), que se associa às experiências e sabedorias únicas nutridas por aqueles que aprenderam a enxergar o mundo por sua sensibilidade e pelos seus olhares, eternos mestres da natureza, advindos da ciência da vida e não da ciência institucionalizada. Neste intento, tomo como aporte, a divisão do mundo dos saberes, por um lado, os conhecimentos científicos, por outro, os saberes da tradição. Apresento ainda fragmentos da entrevista com seu Toinho de Bião e seu Biu, para enfatizar a importância das narrativas e com a finalidade de encontrar-me com o entufado-baiano. Ao tempo em que, a partir destas narrativas, seja importante propor a importância da proximidade entre os saberes da tradição e os conhecimentos científicos.

O terceiro capítulo, intitulado *Analogias Interpretativas e o Ensino da Ciência*, estabelece uma relação metafórica entre o entufado-baiano e a águia. Para isso, trago os conhecimentos científicos sobre o entufado-baiano e as peculiaridades mais marcantes de uma águia, e, então, estabeleço uma analogia entre o entufado-baiano e os intelectuais da tradição, e entre a águia e os conhecimentos científicos, ou seja, entre os saberes da tradição e os saberes científicos. Por fim, retrato a ciência, da inércia ao voo, da disjunção à importância de religar e reconhecer a importância dos saberes diversos e múltiplos, deixando à escola uma proposta e um desafio para o ensino da ciência.

Os três capítulos desta narrativa estão entrelaçados por uma possível *Reforma do Pensamento* (MORIN, 2010), partindo da primeira finalidade do ensino formulada por Montaigne e proposta por Morin, de que mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia, à reflexão sobre nossa condição humana.

Agrego à bagagem das minhas ideias expoentes e interlocutores intelectuais que me são extremamente valiosos e inexoravelmente caros, os quais me permitiram perambular por meus pensamentos. Dessa forma, fez-se necessário dialogar com: Maria da Conceição de Almeida (2003, 2017); Francisco Lucas da Silva (2015); João Bosco Filho (2015); Juliano César Petrovich Bezerra (2015); Edgar Morin (2003, 2006, 2010, 2011); Michel Serres (2015); Marcelo Gleiser (2016); Leonardo Boff (1997).

Apresento, a seguir, o caminho que trilhei *De Olho na Mata*, descrevendo a primeira viagem empreendida especificadamente para a construção desta dissertação. Pois, como professora, já vinha desenvolvendo um trabalho junto aos meus alunos, desde o ano de 2015, e feito outras viagens a esse mesmo destino. Nestas viagens, pude vivenciar muitos momentos regados de aprendizado e de reflexões. A cada ano, os alunos aguardavam por este encontro. O meu desejo não era apenas de percorrer a reserva no sentido geográfico. A intenção era dar significado. Pois percebo que quando não faz sentido, não motiva, não desperta o desejo por conhecer, não temos a construção do conhecimento. O que seria uma palestra sobre a reserva? Apenas palavras balbuciadas, jogadas ao vento. A partir do momento que palavras promovem mudanças de atitudes e valores, que ganham contornos e significados, percebo que o conhecimento pode se tornar operante e significativo. Todas estas oportunidades fermentaram o meu pensar e ebuliram a forma de me enxergar e de enxergar a vida.

Outono de 2018. São cinco horas da manhã e os tímidos raios de sol começam a me despertar. Choveu bastante nos últimos dias, mas fez sol no dia anterior e isto foi decisivo para fazer hoje a minha viagem. São trinta e oito quilômetros de estrada de chão. Precisamente, dezoito de abril. Incrivelmente o Dia do Livro.

Ouço o canto dos pássaros e, ainda deitada, passeio por meus pensamentos, divago por minhas lembranças. Sou de uma família humilde, meus pais, eu e meus quatro irmãos morávamos em uma casa de um cômodo só, de chão de terra batido, que ficava nos fundos da casa de minha avó, a quem docilmente chamávamos de Minha Miga, mesmo não estando mais entre nós, sempre será minha amiga. Nas minhas saudades estão a noite de São João, a fogueira, as roupas costuradas para nós por minha avó, as histórias do meu avô, principalmente a da Cachorra Helena, uma lenda de minha cidade, segundo a qual uma mulher tornou-se metade cachorra, metade humana, por ter desrespeitado sua mãe. Como tínhamos medo! E meu pai garantia ter sido atacada por ela. Engraçado é que eu acredito. Mesmo analfabetos, meus pais e minha avó, sempre me incentivaram a estudar. Então me lembro dos livros que eram comprados, das férias que passávamos apagando estes livros para o outro irmão usar, das mentiras quando era o primeiro dia de aula e lá vinha a redação sobre Minhas férias. Inventei até que havia visitado o Monte Pascoal, em Porto Seguro (BA), sem nem sequer sonhar como era. São páginas do passado, inesquecíveis momentos que preencheram e marcaram de emoção as linhas do livro da minha existência, povoando as minhas lembranças como em um processo de construção magnética, que me imanta, e me prende a tudo que me fez o que sou.

Após relembrar momentos adormecidos do jardim da minha infância, preparei-me e iniciei a minha viagem, que fiz com minha motocicleta. Embora tenha feito sol no dia anterior, a estrada estava bastante encharcada. Quanto mais avançava encontrava dificuldades, ladeiras sinuosas e escorregadias.

Figura 1: Estrada de Macarani-BA com destino à Reserva Mata do Passarinho



Fonte: Arquivo pessoal.

Como em uma propriedade organoléptica, que pode ser percebida por nossos sentidos, as paisagens desta viagem refletem a exuberância da natureza. O cheiro da terra batida que exala aromas únicos, os mais variados tons de verde que saltam aos meus olhos,

os rios que contornam os seus obstáculos, a leve brisa que toca os meus poros, as quedas d'água que embelezam as minhas retinas.

Fiz algumas paradas para registros fotográficos e contemplação da natureza. Em uma delas observei o rio percorrendo a sua caminhada, enquanto driblava os seus desafios. Estava ali, também, desafiando os meus para chegar ao destino final. De repente, avisto algo no rio, observo bem e percebo ser um balde de leite. Achei estranho. Mas continuei o meu percurso.

Um pouco mais à frente deparo-me com um rapaz ensanguentado à margem da estrada. Logo pensei ter sido um acidente de moto. Quando desvio o meu olhar há outro com fraturas expostas no braço. Tentei me acalmar. Mas quando olho para o rio percebo que há um caminhão. O desespero me inunda. Rapidamente deduzo que o caminhão despencou e que o estrago só não foi maior porque uma árvore amorteceu a queda. Moradores do entorno aparecem para prestar socorro e logo surgem relatos de que, ao subir a ladeira, o caminhão perdeu os freios. Muitos feridos, dentre eles uma criança que chorava bastante. Quem não se machucou encontrava-se em estado de choque. Tento me acalmar novamente. Começo a ajudar, seguro a criança, uma menina de três a quatro anos, com um corte profundo no pescoço e na boca. Há uma mulher dentro do rio que não consegue se movimentar, com fortes dores no tórax. Há uma mobilização para removê-la. Um carro pequeno aparece para conduzir os feridos até o hospital de Macarani. Resolvo retornar para acompanhar o carro e dar um suporte, caso as pessoas necessitem de ajuda. Mas o carro para poucos metros à frente, pois o rapaz com o braço quebrado não suporta a dor com o balanço do veículo, já que a estrada se encontra em péssimas condições. Então, pedi para que esperassem, iria ligar para o resgate e aguardá-lo na entrada que dá acesso ao local do acidente, porque há vários caminhos para que se chegue até aquela localidade. Fiz isso. Acionei o SAMUR de Macarani, que diante da gravidade direciona o SAMUR da cidade vizinha.

O socorro chega. Ao ver os baldes de leite empilhados às margens da estrada lembrei-me daquele que avistei descendo rio abaixo. Já era o prenúncio do acidente, embora não tenha sido capaz de deduzir que algo de errado estava acontecendo. Mas, retomarei a esta situação no capítulo 3.

Continuei, ainda em estado de choque. Pensei até em voltar e ir no outro dia, no entanto, disse para mim mesma que dificuldades maiores passavam aquela gente. Deixei o egoísmo egocêntrico de lado e prossegui o meu caminho. A estrada cada vez mais piorava. Sentia tocar as nuvens. O lugar é alto. O perfume da natureza agora não era só de sabores e cheiros, era também de sentimentos.

Enfim, cheguei ao meu destino, a seta indicava o caminho, Reserva Mata do Passarinho, em busca do meu objetivo, que é o de me encontrar com o entufado-baiano.

Figura 2: Placa indicando o acesso à Reserva Mata do Passarinho



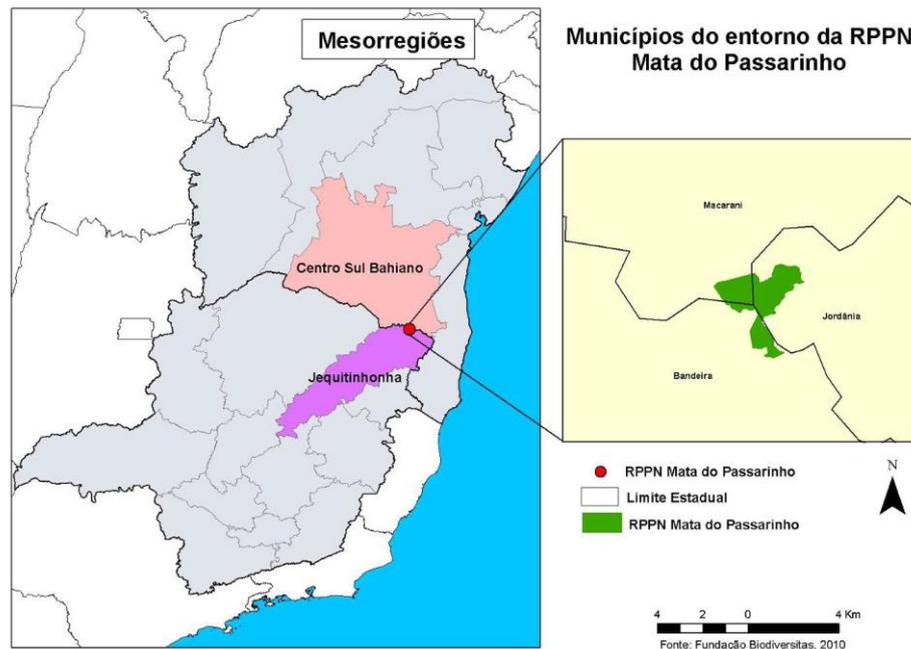
Fonte: Arquivo pessoal.

A Reserva Mata do Passarinho, casa do entufado-baiano, foi criada em 2007, em parceria com a *American Bird Conservancy (ABC)*, instituição norte-americana que apoia projetos de conservação de aves ameaçadas nas Américas. De acordo ao *Guia Fotográfico das Aves da Reserva Mata do Passarinho* (2012), a *American Bird Conservancy (ABC)* é uma organização sem fins lucrativos cuja missão é preservar espécies de aves nativas e seus habitats nas Américas, colaborando para garantir que estas espécies bem como seus habitats, sejam protegidos, ao passo em que esta proteção seja também valorizada pela sociedade que é rotineiramente considerada em todas as tomadas de decisões sobre o uso da terra e políticas públicas.

Descrevo a seguir, fragmentos da história da Reserva Mata do Passarinho, segundo a *Fundação Biodiversitas*¹ e o *Guia Fotográfico das Aves da Reserva Mata do Passarinho* (ENOUT; AGUILAR, 2012).

¹ Disponível em: http://www.biodiversitas.org.br/projetoasas/caderno_professor.pdf. Acesso em: 22/01/2018.

Mapa 1: Localização do fragmento florestal entre os municípios de Bandeira-MG, Jordânia-MG e Macarani- BA



Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/mesorregiao.html>.

Foi com o apoio do Instituto Estadual de Florestas-MG (IEF-MG) que a história começou. Em 1999, o então funcionário do órgão, o biólogo Fabiano Melo, foi convocado para fazer um levantamento das espécies de fauna em 15 municípios do nordeste mineiro. O trabalho foi tão importante que se tornou a tese de doutorado desse biólogo e depois recebeu financiamento do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira – PROBIO, do Ministério do Meio Ambiente. Já com o nome de Inventário Biológico nos Vales dos Rios Jequitinhonha e Mucuri, na Bahia e em Minas, Fabiano ampliou sua equipe de pesquisa e ficou à frente do grupo de Mastofauna, responsável por estudar os mamíferos da região. A expedição no campo foi emblemática: no total, 1.947 espécies de fauna e flora foram catalogadas, sendo que 28 estavam em processo de desaparecimento. Destas, o feito mais importante foi, justamente, a descoberta do entufado-baiano por Rômulo Ribon, ornitólogo da Universidade Federal de Ouro Preto, líder do grupo de Avifauna à época. Eram os idos dos anos 2003 e 2004.

Depois de todas estas descobertas, parte deste fragmento, a fazenda Sossego do Arrebol 1, com 392 hectares, foi comprada em 2007, com doações da *American Bird Conservancy (ABC)*, para ser transformada pela *Fundação Biodiversitas* na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) da Mata do Passarinho. Pelo *Guia Fotográfico das Aves da Reserva Mata do Passarinho* (2012), a *Fundação Biodiversitas*, sediada em Belo Horizonte

(MG), é uma organização não-governamental de caráter técnico-científico, que objetiva a proteção do meio ambiente e a conservação da diversidade biológica. Suas ações envolvem: pesquisas sobre espécies da fauna, flora e ecossistemas brasileiros; identificação de espécies ameaçadas de extinção; identificação de áreas prioritárias para conservação da biodiversidade; diagnósticos para criação e elaboração de planos de manejo de Unidades de Conservação; planejamento ambiental; capacitação de profissionais em biologia da conservação, educação ambiental e sistemas de informação geográfica; realização de eventos técnicos-científicos e da educação ambiental; e análise de instrumentos jurídicos para conservação.

Para se ter uma ideia da importância ecológica da área na qual está inserida a fazenda da *Biodiversitas*, a *BirdLife* tem um programa internacional chamado de *Important Bird Areas (IBA)*. Ao redor do planeta, são listados os territórios com maior poder de conservação de aves ameaçadas. O Arrebol é um deles. O fragmento foi destacado pela *Alliance for Zero Extinctions (AZE)* como um dos pontos biodiversos mais ameaçados do planeta.

Um dos principais motivos da criação da Reserva foi justamente, a descoberta de uma espécie de ave considerada quase extinta pela ciência: o entufado-baiano. Protegendo o entufado-baiano, a *Biodiversitas* ajuda a conservar também outras espécies de aves ameaçadas de extinção, além de outros animais. A Reserva está inserida em um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica em bom estado de conservação da região do Vale do Jequitinhonha, o que proporciona a proteção de parte deste importante bioma que está, ao mesmo tempo, extremamente degradado.

O Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (2018), em seu volume sobre Aves, aponta que o principal vetor do risco de extinção de espécies é a agropecuária. A grande devastação e degradação ambiental que prejudica o meio ambiente. Fato que me faz lembrar da canção *Matança*, de autoria de Jatobá, interpretada por Xangai, dois grandes ícones da música brasileira, que trata justamente desta temática:

Cipó Caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do Pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato, da Imburana
Descansar, morrer de sono na sombra da Barriguda
De nada vale tanto esforço do meu canto
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
Tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica
Arvoredos seculares impossível replantar
Que triste sina teve o Cedro, nosso primo
Desde de menino que eu nem gosto de falar
Depois de tanto sofrimento seu destino
Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar
Quem por acaso ouviu falar da Sucupira
Parece até mentira que o Jacarandá

*Antes de virar poltrona, porta, armário
Mora no dicionário, vida eterna, milenar*

*Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde dá sombra ao ar
Que se respira e a clorofila
Das matas virgens destruídas vão lembrar
Que quando chegar a hora
É certo que não demora
Não chame Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar é*

*Caviúna, Cerejeira, Baraúna
Imbuia, Pau-d'arco, Solva
Juazeiro e Jatobá
Gonçalo-Alves, Paraíba, Itaúba
Louro, Ipê, Paracaúba
Peroba, Massaranduba
Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro
Catuaba, Janaúba, Aroeira, Araribá
Pau-Ferro, Angico, Amargoso, Gameleira
Andiroba, Copaíba, Pau-Brasil, Jequitibá*

Sabemos que embora os poetas externem toda a poesia e deixem exalar os sentimentos que brotam do seu ser, há uma questão que não pode ser renegada e, que, muitas vezes, são ludibriadas pela mídia ou pela própria sociedade, nada mais do que a questão política. É comum vermos propagandas, chamadas públicas, que fazem alusão ao desmatamento, no entanto, é mais comum ainda, vermos que madeiras centenárias decoram ambientes de espaços públicos ou famosos. Assim, quando o poeta Jatobá expressa que *De nada vale tanto esforço no meu canto*, ressoa que o jacarandá bem como outras árvores estão no dicionário, e que somente ali conseguirão ter vida eterna. Apenas ali e só.

Aquela seta que indicava o caminho à reserva indicava também um caminho de encontro a mim mesma, no silêncio das noites pude ouvir a inquietude da minha mente a começar a construir as minhas cartografias, não geográficas, mas cognitivas, e porque não, humanas. Como nos sonhos dos alquimistas, mesmo que alguns inalcançáveis, o que deve nos mover é o desejo por descobrir. Não há um prontuário para a vida, o que há é o ato de viver, sem receitas ou fórmulas.

A Reserva Mata do Passarinho é um lugar de silêncio. Mas é o silêncio no ato de produzir o verbo silenciar, porque quem se cala somos nós. Os pássaros é que falam a partir do seu cantar, colorem o céu com os mais diversos espectros de cores e nos presenteiam com visitas inesperadas.

As várias visitas que realizei a reserva Mata do Passarinho, desde o percurso dos 38 km que pareciam triplicar dada a dificuldade de acesso, até aquela seta que me fazia percorrer

ainda cinco quilômetros para chegar ao centro da reserva, pude me encontrar com o seu Biu, guia turístico e também guia intelectual, que mora dentro da reserva e foi um grande parceiro nas trilhas pela mata, mata densa, mata de difícil acesso.

Em outras viagens, tive encontros também com o seu Toinho de Bião, da localidade do Taboão da Serra, comunidade pertencente a Ribeirão do Largo. Por intermédio das entrevistas realizadas com o seu Biu e com o senhor Toinho de Bião, apresento, no segundo capítulo, fragmentos destes momentos.

A Reserva Mata do Passarinho é expressão de vida, é sinônimo de luta, é denotativo de sobrevivência. Percorri muitos trechos da reserva, fiz trilhas, embrenhei-me na floresta. O meu objetivo era o de encontrar o entufado-baiano. Não sou bióloga. Não possuo os recursos de um ornitólogo. Mas com a ajuda de seu Biu perfiz diversos caminhos. Longos. Exaustivos. Na tentativa por encontrar o entufado-baiano, embrenhei-me na mata, sempre acompanhada pelo seu Biu. A partir dos conhecimentos dos hábitos do entufado, em saber que se encontra nas porções mais escuras e sombrias da floresta, realiza voos curtos, a menos de um metro do chão, dentre outras características, que melhor serão externadas no capítulo 3, fiz minhas investidas na Reserva Mata do Passarinho. Saía de casa cedo, para percorrer os 38 km de estrada de chão, que liga minha cidade à reserva, fazia algumas paradas no percurso, dadas as péssimas condições da estrada. Ficava três dias consecutivos na reserva, dormia no alojamento para pesquisadores, para cedinho adentrar a mata.

Durante todo o dia percorríamos muitos trechos, na maioria das vezes em silêncio. Em alguns momentos, eu e o seu Biu, ficávamos parados, observando as aves, na intenção de encontrarmos o entufado. Ao final de cada dia residia em mim sentimentos de frustração. Cansada. Exausta. Dormia e esperava acordar no outro dia cedo e ter a oportunidade de me deparar com um grande encontro.

Não era uma tarefa fácil. Parei muitas vezes por não conseguir passar pelas dificuldades encontradas na mata. Seu Biu tinha que estar sempre à frente com um facão cortando cipós. Enfiando-me nas grotas, em locais de altitudes mais elevadas, com presenças de troncos podres e muita folhagem. Em duas ocasiões deparei-me com cobra. Mas deixava ela quietinha no seu hábitat.

Por ser muito exigente quanto à qualidade do seu hábitat e ainda sendo uma espécie criticamente ameaçada de extinção, já que apenas seis indivíduos foram encontrados na reserva pelas dados das últimas pesquisas realizadas, dificultaram o meu encontro com o entufado. Somado a essas dificuldades, ainda teve a falta de recursos. Não encontrei com o entufado. Mas isso não retirou de mim a esperança de vê-lo livre da ameaça de extinção. A

lição que tiro destes encontros e desencontros é a de que a vida é uma permanente descoberta, e como as águas de um rio nunca são as mesmas, também não sou a mesma.

O fato de não encontrar com o entufado-baiano permite-me associar este desencontro com o princípio da incerteza moriniana, em que “a maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, cuja maior contribuição do conhecimento reside no fato de conhecer os limites do conhecimento” (MORIN, 2010).

Volvendo o olhar aos aprendizados que construí na Reserva Mata do Passarinho a partir dessas experiências vivenciadas, pude refletir sobre a minha postura enquanto professora. A Reserva passou e vem passando por profundas transformações, o ensino também necessita ampliar seus horizontes pedagógicos, possibilitando ler o mundo por outras vertentes que sirvam de motivação, curiosidade e despertem o desejo por aprender. O momento urge por um exercício de um conhecimento que não mais esteja pautado nas esferas mecânicas, engessadas e enraizadas das verdades absolutas e das certezas cartesianas. Propor a aproximação do homem e da natureza é propor o rompimento com a inércia do paradigma fragmentador e disjuntivo dos processos de aprendizagem para uma possível perspectiva de reformamos, não só o pensamento, mas as nossas inter-relações, e quiçá, a construção de uma ciência menos arrogante. A separação homem-natureza elevou o homem à condição de dominante, superior, que detém a supremacia em fazer uso da natureza de acordo com interesses, na maioria das vezes, escusos e capitalistas.

É importante ressaltar para que servem as reservas. Reservas são cantinhos em que queremos guardar algo com afeto. Reservas de sentimentos ou reservas de proteção. As reservas ambientais são ferramentas de abrigo, são estes importantes cantinhos que cuidam da biodiversidade. A Reserva Mata do Passarinho carrega esta missão e representa para mim outra ferramenta, que visa transformar a maneira como cuidamos dos cantinhos que reservamos em nós mesmos, além de possibilitar a rica experiência de encontrar e conhecer saberes da tradição.

Na importância em religar homem-natureza, nas experiências vividas na Reserva Mata do Passarinho e no que posso propor para o ensino escolar, fiz-me um questionamento quanto ao meu papel como professora da Educação Básica: Ensino burocraticamente? Em meio a este questionamento profilei e organizei o meu pensamento. Como respostas percebi que sou técnica, cumpro com os horários, sigo um programa de planejamento anual, não transversalizo os conhecimentos disciplinares, isolo a minha disciplina das demais, sobreponho os conhecimentos quantitativos, mensuro o meu aluno por uma nota, ignoro os aspectos qualitativos. Sou a cópia da racionalidade cartesiana. Assustei-me com isso, porque depois de

vinte anos entrando e saindo de uma sala de aula nunca havia percebido a importância de acender a sensibilidade e o olhar para outros valores que contribuíssem com a formação de uma visão humanística com uma interface nas relações afetivas e dialógicas.

Em uma possibilidade emergida na esperança de salvar o entufado-baiano, acende uma possibilidade proposta pelo antropólogo Edgar Morin com a *Reforma do Pensamento*, sendo também uma possibilidade para se reformar o pensamento docente, alertando-nos quanto à inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes e os problemas polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários, pois, uma inteligência que só sabe separar, atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão. (MORIN, 2010, p. 13-14).

[...] O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível com uma organização do saber; e esta pede uma reforma do pensamento que permita não apenas isolar para conhecer, mas também ligar o que está isolado, e nela renasceriam, de uma nova maneira, as noções pulverizadas pelo esmagamento disciplinar: o ser humano, o cosmo, a realidade. (MORIN, 2010, p. 104).

Acionada pela *Reforma do Pensamento* (MORIN, 2010), vejo no cenário da sala de aula uma possibilidade de mudança. Devemos nos guiar por uma perspectiva de mudança, que comece pela conduta de transformação no seio de nossa própria sala de aula, por meio de atividades que envolvam subjetividade, relações humanas, éticas e políticas, inserção dos saberes múltiplos, ligação do aluno com a natureza. Estamos sempre a discutir que a escola precisa ser repensada, quando muitas vezes nos esquecemos de que a mudança da escola precisa começar pela reforma do pensamento de nós, professores. Somos criados, frutos e produtos da racionalidade, das certezas, do apogeu dos conhecimentos científicos. As próprias universidades nos moldam e rotulam à imagem e semelhança destes saberes. Uma possibilidade de transformação respalda-se em um ensino que também valorize o humano, o desenvolvimento integral do indivíduo. E a vida.

A escola é a representação da sociedade, espaço destinado ao ensino, que hoje precisa romper com as muralhas epistemológicas ancoradas na racionalidade científica. “Assim como um ponto único de um holograma contém em si a totalidade da figura representada, também a escola, em sua singularidade, contém em si a presença da sociedade como um todo” (MORIN, 2010, p. 100).

Morin (2010) também ressalta que a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa, necessita ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver. No entanto, sabemos que a instituição escola ainda se encontra sob o estigma do experimental e mensurável. As

ciências são lecionadas isoladamente sem conexão com a realidade. Não há elo com a vida e com o sentido da existência, o “eu” dá espaço para o racionalismo, as verdades, as certezas.

Ao percorrer as trilhas da Reserva Mata do Passarinho realizei outras trilhas que me conduziram a refletir sobre os caminhos da docência. A sociedade requer profissionais aptos a seguir os caminhos da tecnociência e do progresso. Fala-se muito em tecnologias da informação, educação a distância, mas, não se fala em um conhecimento que percorra uma outra vertente, que dialogue com o incerto, com a dúvida, com o erro, com a curiosidade. Falo da pluralidade de estratégias cognitivas que, muitas vezes, não passam pelos bancos escolares e acadêmicos, porém, produz ciência com a destreza em ler a natureza.

Encontro-me hoje em um cenário de esperança frente a mudanças que podem começar a ocorrer na cultura escolar, tendo como horizonte a *Reforma do Pensamento*. O ensino da Ciência encontra-se respaldado em conceitos que não visam o sujeito no seu processo de humanização, a relação ensino-aprendizagem veicula-se a uma mecanização sem nenhum ato de reflexão. Os nossos alunos ainda são incumbidos ao ato de memorizar, de repetir. E nós, ao ato de replicar, de transmitir sem nenhuma intencionalidade. O subjetivo, o processo de autoformação, o afeto, a valorização de outras formas de saber não ganham espaços nas nossas salas de aula. Repensar estratégias de ensino que atendam ao fenômeno educativo é compreender o singular e o plural dos sujeitos.

Ao começar a construir as minhas novas cartografias cognitivas vejo que me encontro também por trilhas de desencontros. A minha lição a partir destes desencontros é, como sujeito do conhecimento que me propus ser, em mim ficou o sentimento de frustração. Sim, frustração, desalento, desapontamento, incompletude. O meu objetivo era o de encontrar o entufado-baiano, mas isso não se concretizou. Morre aqui os meus anseios? Não. Reacende o desejo por acreditar que, este desencontro não significa a não existência do entufado-baiano, mas um encontro que, ainda, não se tornou possível.

O caminho a seguir não será fácil, porque muitas vezes nos perdemos na geografia da existência. Como professora de Química, inebriada no pragmatismo, energizada pelo cartesiano, começo a me envolver na teia da vida. Ao lembrar o quintal da minha infância, ao sentir os cheiros e sabores da minha essência, embriago-me na libido de pertença, ao tempo em que revejo quem sou, o que sou para o outro, o que o outro significa para mim. Abro a possibilidade de reconstruir a minha forma de olhar, à medida em que este precisa ser ressignificado.

Como em um mar de incertezas e em um céu de desafios, que inauguremos um intercâmbio entre os saberes diversos, distintos e múltiplos, norteados por um pensamento

dialógico com a natureza, a partir da intersecção entre os saberes científicos e os saberes dos intelectuais da tradição. Que possamos contornar como um rio os obstáculos planetários, para contemplarmos o ápice e abriremos as nossas gaiolas, uma “esperança na desesperança” (MORIN, 2003), deixando voar o entufado-baiano que urge e necessita viver em cada um de nós. A experiência que posso transmitir desses momentos é a de que, mesmo não tendo encontrado com o entufado-baiano, acredito em sua recuperação, através do reflorestamento e conservação da biodiversidade, há a possibilidade de sua sobrevivência. Bem como, espero e acredito numa possível *Reforma do Pensamento*, para dar vida a partir do entrelaçar dos saberes e valorização das relações humanas e de afeto ao ensino e à aprendizagem. Assim, quando Morin (2003, p. 99) afirma que “a incerteza nos acompanha e a esperança nos impulsiona” me sinto instigada a acreditar que, mesmo estando em uma odisséia incerta, carrego uma missão enquanto professora, para propor uma possível reforma do meu pensamento e das minhas práticas educativas.

De Olho na Mata serviu-me como reflexão, que destaco em três importantes considerações, as quais estabeleço conexão com o três viáticos propostos por Morin (2010), como sendo fundamentais no preparo para viver no mundo das incertezas.

1. A importância do olhar para direcionar as nossas atitudes. O quanto a ação vem subsidiada pela forma como fazemos a nossa leitura através de como enxergamos determinada realidade. Ao princípio em que toda ação, uma vez iniciada, entra num jogo de interações e retroações que podem conduzir a um resultado contrário ao esperado, Morin denominou de *Ecologia da ação*. (MORIN, 2010, p. 61-62).
2. As dificuldades de penetrar na reserva, por conta da constituição e reconstituição da mata. Mata densa, com seus 950 hectares de difícil acesso. A partir dos mecanismos de planejamento para percorrer as trilhas da mata da reserva Mata do Passarinho, guio-me pelo princípio da Estratégia moriniana, pois, a vida exige estratégia. (MORIN, 2010, p. 62).
3. A frustração da busca em não atingir o objetivo proposto. Tenho, então, o terceiro viático proposto por Edgar Morin, o Desafio. Todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data. É preciso estar consciente de que a vida é uma aventura, mesmo quando se imagina em uma segurança burocrática. (MORIN, 2010, p. 63).

2. OUVIR A NATUREZA. REPENSAR A VIDA

A sabedoria é como um lodo que mantém viva uma lagoa; é o que sobrevive em meio à superpopulação das ideias, dos conceitos, das informações. Quando dizemos que 'somos um dos fios da teia da vida', quando assumimos para nós próprios a ideia de que a vida é uma teia, estamos anunciando e vivendo uma sabedoria, porque as teorias podem mudar, informações novas podem aparecer, mas apesar dessas mudanças podemos continuar dizendo 'a vida é uma teia de muitos fios e nós somos um desses fios'. O conhecimento se transforma, porém, a sabedoria fica porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo (ALMEIDA, 2017, p. 70).

Como em uma reação exotérmica, que libera calor durante uma reação química, os meus pensamentos entram em ebulição, alimentados pelas palavras desta autora. Não nos é suficiente termos uma gama de informações se estas não se convertem em tratamento de informações, ou seja, em conhecimento. “Conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento” (ALMEIDA, 2017, p. 69).

Mas, e a sabedoria? É o mesmo que conhecimento? A autora nos alerta que não, pois nem todos que transformam a informação em conhecimento irão construir, de fato, a sabedoria. A sabedoria não é como um lago que só se forma em tempos de chuva, não é uma data importante que só ocorre uma vez por ano, não é um insight de pensamento, não é reducionista, mas duradoura, envolvida de sentimentos, de laços afetivos, de leitura da natureza e de conhecimento do mundo, por estratégias cognitivas próprias.

A partir de uma concepção mais ampliada do conhecimento, Ceíça Almeida argumenta que nos encontramos hoje frente a três níveis de conhecimento. O primeiro nível de conhecimento é operado por sistemas vivos e inseridos na natureza, diz respeito às plantas, micro-organismos, insetos, dentre outros, é o que a autora considera como um primeiro nível ou escala de leitura do mundo anterior à do homem. O segundo e terceiro níveis dizem respeito propriamente aos seres humanos. No segundo há uma conexão do sujeito com o meio natural. Insere-se aí os intelectuais da tradição, sujeito observador da natureza, leitor de segunda ordem, que faz sua leitura a partir do que vê e do que ouve, do que emana do primeiro nível. Já o terceiro nível é uma leitura de terceira ordem onde reside o conhecimento científico, advêm do afastamento do que se pretende conhecer (ALMEIDA, 2017, p. 13).

Os três níveis de conhecimento não são para serem separados, mas para perceber a importância em elucidar as diferentes formas de leitura do mundo. O segundo e o terceiro níveis de conhecimento, os quais estão relacionados diretamente aos seres humanos, ao representar o intelectual da tradição que não teve acesso ao ensino institucionalizado e ao

representar este leitor que advém desta ciência institucionalizada, representam diferentes formas cognitivas de conhecimento do mundo.

Alargando a forma de enxergar e de me enxergar na construção deste trabalho dialogo com as leituras de Maria da Conceição de Almeida (2017) que nos apresenta os *Saberes da Tradição*, conferindo o nome *intelectual da tradição* às vozes singulares e plurais, que não se encontram impressas nos livros escolares. Vozes que ecoam da sensibilidade e da sabedoria, que tocam profundamente os sentimentos daqueles que acreditam no poder transformador das palavras sábias dos que aprenderam a enxergar o mundo por suas percepções e seus olhares.

A autora define os intelectuais como sendo pessoas que se distinguem pela maneira de observar os fenômenos com mais atenção, criando métodos específicos para conhecê-los, decifrá-los, explicá-los. Vai ainda mais profundo ao afirmar que intelectual não é sinônimo de cientista ou acadêmico, mas é aquele que cotidiana, permanente e sistematicamente transforma informações em conhecimento, esmerando-se em manter viva a curiosidade sobre o mundo que o circunda, apurando o olhar e observando as várias faces de um mesmo fenômeno. É um artista do pensamento, que manipula constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual (ALMEIDA, 2017, p. 70).

Por estas propositivas do que é um intelectual Ceíça Almeida aborda os intelectuais da tradição como sendo estes artistas do pensamento, homens e mulheres que mesmo não dominando os conhecimentos ditos sistematizados por escolas e universidades desenvolvem conhecimentos sistematizados pela arte em usar os sentidos para compreender a natureza. E assim, temos a divisão do mundo dos saberes, de um lado a ciência institucionalizada, de outro, os saberes da tradição (ALMEIDA, 2017, p. 68).

Apesar de se valerem dos mesmos atributos cognitivos que constituem a unidade do pensamento humano, essas duas formas de conhecimento – cultura científica e saberes da tradição – se pautam por distintas estratégias de pensamento bem como estratégias igualmente distintas de leitura do mundo.

Para falar destes saberes da tradição, Almeida (2017) traz uma reflexão acerca da sociedade do século XXI, apresentando uma distinção entre sabedoria, informação e conhecimento.

Fala-se hoje em sociedade do conhecimento quando de fato estamos imersos numa sociedade da informação, da hiper-informação, da publicização extrema, da visibilidade acentuada, mas não numa sociedade do conhecimento. Conhecimento é tratamento de informação, articulação de dados construídos e não aglomeração de

informações. Uma digressão se faz aqui necessária no que diz respeito às concepções de informação, conhecimento e sabedoria (ALMEIDA, 2017, p. 68).

Os saberes da tradição muitas vezes são vistos como sem cidadania, como refugiados escondem-se à sombra dos conhecimentos científicos, carregando o fardo de serem anônimos, não comprovados, não se autorreconhecem e, muito menos, são reconhecidos como formas de ler e interpretar a realidade, a vida e o mundo, discriminados pelo rótulo de não científico (ALMEIDA, 2017).

Se a história oficial do conhecimento não foi a da metamorfose do mito em ciência, parece difícil afirmar que os saberes tradicionais de hoje possam se converter em ciência amanhã. Melhor afirmar que estamos diante de uma retotalização promovida pelo conhecimento científico, exercitada às custas da simplificação e da tradução forçadas de outras cosmologias do pensamento (ALMEIDA, 2017, p. 86).

Ainda no escopo destas reflexões, Almeida (2001) ressalta que a cultura herdada pela humanidade alicerça-se na divisão dos saberes, o que fermenta a não dialogicidade e configura-se como uma das problemáticas do mundo hoje.

Os saberes da tradição expressam uma dinâmica do pensamento. Tais saberes definem-se para Almeida como um compasso, e não como uma régua, pois não há linearidade, regularidade, simetria e exatidão, mas um pensamento que pressupõe esta circularidade. “Se a régua é para a reta e o compasso para o círculo, da mestiçagem desses instrumentos poderá, metaforicamente, nascer uma nova organização dos conhecimentos e das culturas” (ALMEIDA, 2017, p. 130).

Segundo Almeida, “nenhuma cultura se edifica sem a base, o solo e a argamassa do passado” (2017, p. 61). Dar-se-á, por isso, a importância de reconhecer, valorizar e trazer para os espaços escolares os saberes da tradição, que são muito mais do que meros saberes conceituais, estão para nos ensinar uma forma de ler o mundo por outra vertente, sem o qual não seria gestada qualquer tecnologia ou qualquer cultura.

Fazer dialogar essas duas estratégias de pensar a natureza (que inclui o próprio homem) reduz a escala de distanciamento da ciência em relação aos fenômenos; permite exercitar uma escuta mais apurada de outras linguagens que não se reduzem à linguagem das palavras; ajuda a reorganizar em patamares mais complexos os conhecimentos dos quais dispomos para pensar melhor os múltiplos cenários interconectados do mundo contemporâneo e seus desafios (ALMEIDA *in* SILVA, 2015).

A sistematização destes conhecimentos por estes intelectuais da tradição converge-se em ciência. Isto é ciência! Ciência própria, validada por suas percepções, construídas por suas manipulações, edificadas por suas sabedorias. Não podem e nem devem ser destruídas, mas transformadas, como em uma reação química, em que reagentes a partir da energia de colisões

das moléculas formam seus produtos, mas cada átomo não deixa de existir, rearranja-se, continuando ali, mesmo na fórmula balanceada de uma nova substância. Assim deveria ser a intersecção entre saberes científico e da tradição, combinados a partir de uma energia cinética de colisões intencionais, reagir-se-iam, tendo afinidades químicas suficientes para conviverem com as intempéries da existência.

As principais ideias expostas por Ceíça Almeida suscitam-me a refletir acerca da importância do diálogo que necessita existir entre saberes científicos e saberes da tradição. Aproximar o conhecimento científico de interpretações pautadas em outras formas de cognições propugna uma politização do pensamento, ao passo em que retroalimenta a tão sonhada dialogia homem-natureza-cultura. Acredito que necessitamos reformar nossas atitudes cognitivas, reformarmos o nosso olhar, para então aprendermos a dialogar com outros valores. Uma outra reflexão pertinente que faço pauta-se no reconhecimento dos saberes da tradição, não apenas como um momento estanque da nossa prática pedagógica ou um mero artifício protocolar, porque os saberes da tradição não são guias burocráticos que precisam fazer parte da programação curricular. Estamos falando de estabelecermos uma atitude ética, de uma emancipação cognitiva, da inserção de uma ciência aberta que promova o diálogo com outras expressões de vida que alimentam uma sociedade menos desumana e, por vezes, mais igualitária. A hegemonia dos conhecimentos científicos rotula o analfabeto como sendo sem conhecimento, ao tempo em que os conhecimentos da tradição vão se tornando um arquivo morto, sem identidade e sem autorreconhecimento, desvalorizam-se e depreciam-se. A intenção é mudar esta forma de olhar para que se possa propor reencontros que sejam capazes de fecundar e fomentar uma nova organização dos conhecimentos.

Para melhor compreender os saberes da tradição nada melhor que trazer para o terreno fértil da compreensão um intelectual da tradição que tem sistematizado sua ampla sabedoria em Areia Branca – Piató, no município de Assú, Rio Grande do Norte. Francisco Lucas da Silva, ou melhor, Chico Lucas, que tem como sua grande mestra a natureza e deixa exalar seus saberes a partir das leituras de si e de seu mundo. Representa para a professora Ceíça Almeida, a quem tem profundos sentimentos de amizade e agradecimento (e vice-versa), um alimento intelectual-afetivo, que nutre o sonho de educar para um mundo onde todos sejam um pouco mais felizes.

Mesmo sem escolaridade, vai da medicina à cosmologia, domina a leitura da vegetação, leitura da fauna, dos fenômenos físicos, da farmácia da natureza, da pesca, é um geólogo da natureza, um acadêmico da complexidade, um poeta do silêncio, um pedagogo da fraternidade ecológica, de quem se extrai com leveza lições de amor, poesia e sabedoria.

Em seu livro, *A natureza me disse* (2015), Chico Lucas nos conduz a refletir sobre nós mesmos, os conhecimentos que construímos, as relações interpessoais que mantemos e mantivemos, a importância do silêncio para a escuta do outro, da natureza do mundo.

Não tive escolaridade. Tudo que eu sei, a minha leitura, o meu livro, tudo que eu aprendi foi com a natureza. Não tive estudo, não frequentei banco escolar. Por isso mesmo nunca desisti. Fico muito feliz porque vocês acreditam que eu tenho algo a acrescentar no trabalho de vocês. Eu acredito que o passatempo do homem é estudar o dia-a-dia. A natureza é como se fosse um livro aberto, que vai passando, passando... Todo dia passa uma página virada para a gente ler. E eu, com o passar dos tempos, fui fazendo essa leitura e construindo meus diagnósticos (SILVA, 2015, p. 72).

Ao construir seus diagnósticos, Chico Lucas (2015) não descartou o erro, mas viu no conhecimento a ser construído maneiras de se fazerem refutações, ou mesmo acréscimos, negações, reformulações. Suas palavras dizem respeito à leitura da natureza, considerando que esta natureza tem várias filosofias para serem lidas.

Com a capacidade de ouvir a natureza e estabelecer com ela um diálogo permanente Chico Lucas nos dá lições de sabedoria. Acredito que os bancos escolares não nos ensinam a ler e ouvir o que a natureza tem a nos dizer. Talvez seja concordando com esta afirmativa que Chico nos alerta que a natureza também manda e-mail sempre. Mas só compreende quem sabe ler a natureza. Porque é observando a transformação da natureza que você lê a natureza. E vai ainda mais profundo ao afirmar que tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo (SILVA, 2015, p. 86-87).

Do universo da simplicidade expressada por Chico Lucas é que percebo o quanto não só está impregnado como também enraizado em mim o sentimento de posse, do “ter”, não valorizando as pequenas coisas, os pequenos gestos, o poder do silêncio para reflexão da alma. As palavras de Chico Lucas representam mais uma lição, assim espero poder fazê-la para propor a mim mesma uma nova forma de me enxergar neste abrupto mundo ainda dominado pela supremacia da tecnociência e da própria ciência institucionalizada. Ao avaliar sua vida, Chico nos ensina:

Eu me sinto realizado com o meu trabalho. Eu moro aqui e tenho tudo isso para ouvir: o cantar do galo, o berro da ovelha, o mugir da vaca, o relinchar do jumento, o latido do Eu adoro isso aqui. Por isso eu digo a vocês: pra mim, aqui é o lugar, é um pedacinho do céu, é o lugar melhor do mundo, pra mim, pra minha vivência do que já vivi até hoje. Estou com 65 anos e tenho aquele pique do trabalho do dia-a-dia. Amanheço o dia, muitas das vezes, enfadado pela mudança de atividade. Você sabe que com uma mudança de trabalho o corpo da gente enfada, mesmo quando a gente é jovem. O trabalho do dia-a-dia, não. É um trabalho corriqueiro e que você já tem aquela pista. Mas, quando você muda, o seu corpo vai pegar outro pique de física, aí aquele trabalho enfada. Mas eu, com 65 anos, o trabalho do dia-a-dia não me enfada. Eu sinto vontade de trabalhar depois da meia-noite. Depois do cantar do galo, eu já começo a pensar no daquele dia-a-dia. Quer dizer, isso pra mim é maravilhoso. O meu ritmo é esse e será até morrer. Eu acho que se Deus me der 80,

90 anos, eu vou viver com aquele pique de pilotar barco e virar o motor! (SILVA, 2015, p. 34).

Das várias lições dadas por Chico Lucas, retrato algumas que me fizeram repensar um pouco da vida. A primeira é a afirmação de Chico de que o passatempo do homem é estudar o dia a dia. A escola deste homem é o estudo permanente e diário que faz da natureza, na observação do cotidiano. Nunca parei para observar o dia a dia, muito menos estudar suas mudanças e transformações. A segunda lição é a de que o erro é um ponto primordial para encontrar o acerto. Incrível! Precisamos errar para aprimorarmos o nosso saber. A terceira lição diz respeito à natureza, ela é um livro que todo dia passa uma página. Nesta terceira lição, Chico diz que não adianta ensinar alguém a ler a natureza, porque esta tarefa só consegue realizar quem compreende a natureza, quem se liga a ela e ao que com ela acontece diretamente. A lição do compartilhar, da troca entre saberes, da aprendizagem significativa, da construção do conhecimento. A liga que dá vida, proporciona formas e alicerça a pluralidade da ciência, que não se encontra na supremacia dos conhecimentos científicos, mas na abertura a outras formas de saberes que muito têm a ensinar, independente do rigor científico, mas dependente do próprio rigor cognitivo que é estabelecido por estes próprios intelectuais. A quarta lição vem a partir do poema abaixo cuja autoria é do mestre Chico Lucas (2015, p. 100-101):

*Dá licença professora
Eu também quero falar
Não dá pra ficar assim
Estando só a escutar
Quero expor minhas ideias
E poder participar.*

*A senhora sabe muito
Isso se pode notar
Por isso está aqui
No ofício de ensinar
Mas temos também experiências
Que podemos compartilhar.*

*Senão, vejam meus amigos
Quem daqui já não viveu
E não conhece esse mundo
Do jeito que Deus nos deu
Trilhando os seus caminhos
Garanto que não só eu.*

*Estou aqui na escola
Na intenção de somar
Aquilo que eu já sei
Com o que a senhora nos dá
Garanto que esses saberes
Se possam complementar.*

*Ontem a senhora dizia
Que o homem é racional
É difícil dizer isso
Desse tipo de animal
Que comete muitos erros
No seu meio natural.*

*De modo que a natureza
Parece ser mais sabida
Se organiza de tal forma
Alimenta nossa vida
Mas para preservá-la
Poucos fazem tentativas.*

Pautando-se na mesma perspectiva de Ceiça Almeida e Chico Lucas, João Bosco Filho apresenta em seu livro *As lições do vivo: ciências da vida e complexidade* (2015) uma narrativa em forma de cartas, propiciando uma autorregeneração das práticas de Enfermagem, seu lugar de especialista, por intermédio do diálogo entre os saberes científicos e o saberes da tradição, para tratar da vida e do adoecimento. Em uma de suas cartas, intitulada *Ao filósofo da natureza*, Bosco Filho a endereça a Francisco Lucas da Silva, a quem vai chamar de *o grande intelectual da tradição*, o mestre que o guiou com sabedoria e o possibilitou perceber que os profissionais da saúde devem ser verdadeiros jardineiros da vida.

O caminho literário percorrido por João Bosco Filho acende a necessidade de uma escuta sensível, assim como bem faz Chico Lucas, escuta sensível para uma reaproximação com a natureza, fazendo a interpretação do que ela tem a nos dizer e a nos ensinar. São lições, que não podem deixar de serem feitas, para que, de fato, sejam sistematizadas. “[...] Lições aprendidas a partir de uma escuta mais sensível da natureza” (BOSCO FILHO, 2015, p. 20).

Estas lições, certamente não serão aprendidas com facilidade, é o que Bosco Filho vai propor como sendo estratégias.

É preciso construir estratégias que nos remetam à sensibilização para que nosso conhecimento possa extrapolar o que muitas vezes não é explicitado pelas palavras. É preciso dedicar tempo para que nossos sentidos sejam reeducados e possamos aprender a lidar melhor com esses limites que nos são impostos pelo modelo de sociedade que vivemos, os quais diariamente nos tornam seres humanos mais mecânicos, mais distantes e fragilizados em nossas emoções. (BOSCO FILHO, 2015, p. 100).

Trilhando as concepções e reflexões propostas por Ceiça Almeida, João Bosco Filho retrata a importância da religação entre os saberes da tradição e os conhecimentos científicos, porque foi apenas a partir desta ligação que a Chico Lucas foi oportunizado publicar um livro, fazer parte do GRECOM e servir como estratégia de método para uma escuta sensível da natureza na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esta oportunidade, tanto para a

faculdade quanto para Chico Lucas, só foi possível a partir do ato de ouvir o outro, como bem elucida o autor.

[...] ouvir as lições do vivo podem ajudar a entender a vida e possibilitar intervenções mais sensíveis no cuidar do humano. Muitas vezes, por termos prática de escutar, falamos muito, não permitimos que o outro se expresse e, acabamos fragmentando o modo de pensar, contribuindo para ações isoladas. Nesse entendimento, acabamos: Encastelados no modelo redutor de produzir conhecimento [...]. (BOSCO FILHO, 2015, p. 17).

Neste contexto, corroboro com o pensamento do autor para a necessidade da reforma do ouvir e do olhar, pois ao estarmos encastelados, cada disciplina também se encastela, é prisioneira junto conosco, não desenvolvemos o processo da “escuta sensível”. Dessa forma, comprometemos a construção do conhecimento, pois não aprendemos a perceber a vida que nos circunda, a natureza e o mundo. A “escuta sensível” pode contribuir com a nossa prática pedagógica, possibilitando orientar a forma como enxergamos o aluno, suas ideias, necessidades e sentimentos. Não se menciona durante o fazer pedagógico a “escuta sensível” do professor, não há estratégias que exercite os nossos sentidos para a importância de reeducar as nossas práticas educativas.

Para transversalizar com as discussões estabelecidas, nada melhor do que trazer para o terreno fértil das reflexões Edgar Morin. O filósofo nos apresenta o pensamento complexo. O termo “complexo” surge no século XVI, vem do latim *complexus*, que significa “*que abraça*”, particípio do verbo *complector*, que significa eu abraço, eu ligo. Então, a palavra complexo, é entendida enquanto tecer, religar, juntar elementos dispersos (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 43).

Morin denomina de pensamento complexo o que não se confunde como um pensamento completo, pois se trata de um pensamento articulante e multidimensional, colocando entre parênteses o cartesianismo, as certezas, não desprezando o simples, mas criticando a simplificação. Ou seja, um pensamento simplificado e reducionista não gesta aprendizagem, só acúmulo de informações, ao contrário, um pensamento complexo postula a dialógica, a recursividade, a hologramaticidade, não se fecha em si mesmo, mas aspira a um conhecimento multidimensional, traduz-se no “conhece-te a ti mesmo conhecendo” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 55).

Ao apresentar o pensamento complexo, Morin observa a divisão do mundo dos saberes: de um lado a ciência institucionalizada, de outro os saberes da tradição. Inquestionavelmente sabe-se que a cultura herdada por cada um de nós, edifica-se no alicerce

tanto dos saberes científicos quanto dos saberes da tradição. Este distanciamento corrobora para o enfrentamento dos “*problemas planetários*”.

Consoante a isso, Morin nos conduz a refletir acerca do pensamento que une, liga e entrelaça, no sentido de produzir uma rede em que sejam solubilizados os problemas que tornam o processo ensino-aprendizagem extremamente baseado no conteudismo, nas informações desconexas, na descontextualidade do conhecimento, a fim de que se dissolvam e, assim, transformem-se, para romper com as barreiras epistemológicas. Barreiras estas que produzem um olhar viciado, atitudes mecanicistas, visão enraizada e sectária.

A educação deve colaborar com o abandono da concepção do progresso como certeza histórica, para fazer dela uma possibilidade incerta; deve compreender que nenhum desenvolvimento é adquirido para sempre, porque, como todas as coisas vivas e humanas, o desenvolvimento encontra-se submetido ao princípio da degradação e deve-se regenerar incessantemente. (MORIN, CIURANA, 2003, p. 103).

É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza, assim, para tratar dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos da era planetária far-se-á necessário compreender que apenas os conhecimentos científicos não são capazes e suficientes para darem conta desta demanda. Por isso, o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável. E este conhecimento é o que abre nas suas mais variadas formas, rompendo com a miopia que só concebe uma única forma de estudar e compreender o mundo (MORIN, 2006).

Segundo Edgar Morin, o conhecimento do conhecimento emerge na reforma do pensamento. Há, então, a proposta moriniana para uma cabeça bem-feita e não bem-cheia, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, a científica e a humanística, para que possa responder à demanda social dos formidáveis desafios complexos e globais. “Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura”. (MORIN, 2010, p. 37).

Morin (2010) ainda nos alerta que por trás do desafio do global e do complexo reside outro desafio que é o da expansão descontrolada do saber, em meio a que se encontram perdidos conhecimentos e sabedorias diante de tanta informação que não se entrelaça e, por vezes, não se frutifica, não contextualiza. Assim, o nosso modo de conhecimento acaba por desunir os objetos entre si, o que precisamos é unir, desenvolver aptidão para contextualizar e globalizar, temos aí o que Morin pensa ser o imperativo da educação.

O conhecimento necessita voar, deixar as prisões, buscar um contexto planetário, ser ecologizante, “no sentido em que se situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente, cultural, social, econômico, político e, é claro, natural” (MORIN, 2010, p. 24-25).

Em *Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin* (2011), o autor nos apresenta com as suas reflexões acerca do ele denominou *Pensamento do Sul*, que não se trata de uma questão geográfica, porém de uma comparação e corporificação simbólica e metafórica a um Norte. Norte este desenvolvido, capacitado, explorador, dominador da técnica, da economia, do cálculo, enfim, puramente racional e que para se manter como núcleo dominante precisa ignorar o Sul. Para muitos, este Sul é o reflexo do atraso, da anticivilização, do antiprogresso, da falta de perspectiva de crescimento e de evolução.

Toda a tecnociência atrelada à intoxicação consumista instaura uma crise da humanidade. Uma vida fria, desconexa do companheirismo, alheia ao outro. O mundo voltado para o progresso, para a relação produtor/consumidor perdeu sua excentricidade, a magia da essência do viver (MORIN, 2011).

Primando pelas reflexões morinianas pude compreender que o pensamento complexo tende a possibilitar a possível reforma do pensamento, porque se vê embasado no erro, no incerto, nas possibilidades. Uma vez que propõe uma articulação dos conhecimentos a partir do entendimento da dimensão dos problemas globais. Esta complexidade que busca conectar ampara-se na dialogicidade para religar sentimentos e saberes, a razão e a emoção, os saberes científicos e os saberes da tradição, visando a formação de cidadãos que, mesmo emergidos nos problemas planetários, possam ser capazes de compreender a si e ao mundo mediante a sua realidade. A fragmentação proporciona a descontinuidade da compreensão, assenta-se num processo ensino/aprendizagem que não contribui para a autoformação da pessoa, não ensina a condição humana e torna os diferentes saberes incomunicáveis. Precisamos criar espaços de reflexões ao fortalecimento do convívio e da importância do diálogo, e um dos mecanismos para que isso se efetive está na possibilidade da *Reforma do Pensamento*, mudando o foco de um ensino estanque para um ensino que envolva múltiplas aprendizagens pela ressignificação dos espaços escolares.

Sem as reflexões do andarilho apaixonado pelas vozes plurais da sabedoria popular, Juliano César Petrovich Bezerra, a minha viagem não seria completa. Em sua obra *Ilhas de resistência: conversas entre mestres e aprendiz* (2015), o autor estabelece uma dialogia profícua com a ideia de *Pensamento do Sul* moriniana. É na rica fonte de Edgar Morin que se personificam as ilhas de resistência, mais precisamente a partir do que Morin vai conceituar como *Pensamento do Sul*.

A *ilhas de resistência*, Bezerra (2015) vai chamar de o grande oceano de homogeneização e padronização cultural, uma resistência nem sempre consciente. Estas ilhas representam os saberes da tradição. Para o autor, estes saberes expressam uma dinâmica do

pensamento, segundo o qual dialogicamente emerge a circularidade, relações próximas do homem com o meio, que dão significado a propriedades de simbiose, atenção, observação e leitura da natureza, que relacionam os próprios sentidos, decorrendo daí a lógica do sensível.

São lugares, pessoas, ilhas que mantêm costumes e saberes antigos, formas particulares de sentir o mundo ao seu redor, os homens, os animais, as plantas, as rochas, até seres não viventes, mestres ou encantados, guias espirituais; são, ainda, espaços onde se preze pelo Amor, pelo Carinho, pela Hospitalidade, pela Simplicidade, dentre outros valores tão fragilizados na atualidade (BEZERRA, 2015, p. 27).

Segundo Bezerra (2015), os “suis” representam um grande sentir, cabendo a estes restaurar o concreto, a existência, o singular, o que existe de afetivo em nossa vida. O autor propõe pensar a educação como experiência da diversidade, em que far-se-á necessário estabelecer um diálogo entre ciência e tradição, superando a fragmentação, tornando-se imprescindível redirecionar os horizontes pedagógicos e educacionais que possibilitem a autoformação dos sujeitos como autores de suas próprias narrativas, o que propicia uma noção de pertencimento do conhecimento.

Tais “suis”, tidos como os espaços de resistência, dizem respeito, portanto a modos de pensar e viver que se organizam por princípios, valores e práticas distintas, sentimentos, intuições, recusa aos mitos de desenvolvimento e de progresso. Existem, portanto, qualidades, virtudes, artes de vida, miscigenação dos povos; uma ecologia das ideias e práticas socioculturais que favorecem as forças da criatividade e da diversidade (BEZERRA, 2015, p. 40-41).

Por *Pensamento do Sul*, Bezerra define por espaços que se apresentam como resistência a uma padronização e uniformização de comportamento e pensamento, em que há predominância de um desejo em saciar somente interesses pessoais, fundado na noção de um *homo economicus*, cego, pois, para o lado humano da humanidade.

O autor ainda enfatiza que a democracia do conhecimento está comprometida pela exclusão de conhecimentos acumulados a partir da experiência das culturas e que, na grande maioria das vezes, encontram-se às margens dos saberes científicos. Desta forma, considerados como universais, o saberes da tecnociência são incapazes de compreender a complexidade dos problemas humanos.

A leitura de Bezerra instiga os meus pensamentos a refletirem sobre a forma como nos condicionamos e condicionamos os nossos dias a serem tão consumistas. O quanto deixo de “con-viver”, porque não há tempo para isso. Assim também vejo que somos consumidos pelo tempo, que não nos espera, e que sempre estamos com a sensação de que faltou algo. Pois é, esse algo é trocado por viagens, roupas caras, tecnologias de ponta. Sob a minha ótica, percebo que trocamos estar bem, estar feliz, rir com amigos, brincar com nossos filhos por

“ter”, substituímos afeto por “ter”, e até achamos que compensamos ausências com presentes. A vida nos atropela, passa rápida demais, quando olhamos para trás somos sucumbidos por nossos sonhos, quando olhamos para frente somos devorados pelo que ainda falta realizar, mas quando adentramos dentro de nós é que percebemos que a vida está muito além de dias enclausurantes. São dessas amarras que creio precisarmos nos libertar.

Assim, estas ilhas de resistência dizem respeito aos pontos que demarcam a cultura humanística e sabedoria popular, dizem respeito a todos aqueles que, na humildade e simplicidade de seu viver, trazem em seu bojo riquezas incalculáveis de aprendizados múltiplos oriundos da mestra natureza, e ainda resistem, mesmo inconscientemente, a deixar de ser o que são, o que prezam, como vivem e como respeitam a razão da existência.

Ao tratar desses “*suis*” um grande convite me é feito, um convite ao ato de sentir, de fechar os olhos e me permitir, permitir repensar todas as nossas ações, todas as nossas concepções, como concebemos o conhecimento, o quanto desprezamos outras formas de conhecer, o quanto depreciamos o ato de não conhecermos o que não é propriamente “conhecível” e dito científico e, enquanto escola, o quanto ignoramos as ínfimas sabedorias, permitindo que o livro da natureza continue fechado, perpetuando um exílio claramente verificável aos saberes culturais.

Uma forma de romper com a miopia que nos impede de enxergar e descortinar outras vertentes no campo dos saberes pode se concretizar pela aproximação homem-natureza-cultura. Buscando retratar um pouco dessa aproximação, apresento fragmentos das narrativas que construir junto a seu Biu e seu Toinho de Bião, pessoas que deixaram em mim exemplos concretos de consciência coletiva, sustentando a esperança para continuarmos a nossa lida, regando permanentemente a solidariedade e fazendo com que o caminho rumo ao nosso próprio coração seja impregnado de benesses.

Para propor fragmentos destas histórias, busco compreender a importância das narrativas para Michel Serres (2015) e Marcelo Gleiser (2016).

Michel Serres é um dos poucos filósofos da contemporaneidade a lançar uma visão fundada na aliança entre conhecimento humanístico e conhecimento científico, buscando sempre estabelecer um elo entre ciência e cultura. Em sua obra, *Narrativas do humanismo* (2015), Serres nos apresenta uma narrativa sobre a história *do homo sapiens*, desde o dia que deixou a África, até os dias de hoje, após terem se espalhado pelo mundo. O livro envereda por inúmeros caminhos que expõe o porquê de não acreditarmos mais na história das pátrias e das nações além de ressuscitar a literatura que dá vida aos deuses mitológicos e, assim, narrar a tão longa viagem da humanidade.

Ao bifurcar diante dos milhares de obstáculos, esses subgrupos se adaptaram a meios diferentes e, como homens, o fizeram com a ajuda do que chamamos de culturas. Eles começaram a morrer como moscas, muito jovens, ou sobrevivendo, errando, atravessando... modificando com frequência línguas e costumes, ferramentas e gestos, cores e hábitats. Eles se tornaram quase que espécies dentro de um mesmo gênero, exceto, claro, por poderem se reproduzir constantemente entre si, deixando assim o poder do amor sempre recosturar o que havia sido rasgado pelo abandono. (SERRES, 2015, p. 25).

Segundo Serres (2015) só existe o que é dito e nem você, nem eu, nem ninguém existe sem a narrativa de nossa existência, mesmo no cotidiano, é necessário contar-se para nascer, mesmo uma coisa, é preciso narrá-la para que ela ocorra. Antes da escrita a vida recontava-se, em lendas, em mitos, em deuses mitológicos, com mais eloquência do que nos dias de hoje. Mas nem todos escrevem, nem todos leem, no entanto, são vidas, com suas histórias que precisam ser contadas e recontadas. “Socorro então, ventos e vapores, musas, músicos, venham trovadores, transformar em sons essa nova narrativa, o único projeto que vale para a humanidade em vias de reencontrar. Compor a música para recompor a humanidade!” (SERRES, 2015, p. 39).

Para Serres, “A narrativa vence o conceito” (2015, p. 51) e, ainda segundo o autor, esta narrativa importa na medida em que é necessário a todo custo que eu a teça para que o fio da minha vida continue, justamente por aí é que caminha a existência. E esta narrativa não constitui somente o eu e o nós, como relata Serres, mas institui também jogos sutis, tão apaixonantes e tão sérios quanto os de esconde-esconde ou da cabra-cega por onde começa o conhecimento. O ato de conhecer nasce quando nascemos, vamos conhecendo, vamos descobrindo, vamos imaginando, na curiosidade estamos construindo conhecimento, que não é o institucional e, sim, o cognitivo próprio de cada um.

Quando o autor discorre sobre afetos e circunstâncias, trata estes dois conceitos como abstratos e afirma que ambos avançam sobre a essência e a existência. E ainda indaga: “Quem sou eu, quem é você, quem é ele?”. Apontando o “quem sou eu” como minha vida, tempo original cujo desdobramento aqui e ali, ontem e agora pode ser contado, na companhia de comparsas, em regiões variadas, como sendo um relato carnoso, espaço e tempo, narração e paisagem, que recebe uma melhor resposta na narrativa do que na definição (SERRES, 2015, p. 52).

Mergulhado numa ambiência de circunstâncias singulares, tal evento e os atos que dele decorrem traduzem um caráter, o traem, o revelam, o exprimem e, por detrás desse perfil móvel e no tom dessa evocação, vejo tendências e cores, ao passo que tem uma definição lógico-ontológica teria embaralhado a paisagem dessa alma, endurecido o contorno desse rosto, obscurecido as cores de sua personalidade, escondido a região pela qual ela passa, perdido o tempo original de suas esperanças errantes; por excluir a contradição, a definição não compreende nenhuma vida: o santo peca, o herói tem medo, o gênio se engana e, no mesmo momento, eu amo

você um pouco, muito, apaixonadamente e de modo algum (SERRES, 2015, p. 51-52).

Nesta perspectiva, ao indagar *quem somos*, o autor afirma sermos participantes da nossa pertença, não podemos passar sem ela.

Amamos em dupla, comemos em família, vivemos em nossa região, colaboramos com os assuntos da cidade ou da profissão, pensamos de acordo com nosso corporativismo, falamos nossa gíria, respeitamos nossa cultura e, por vezes, a pátria, tudo isso na companhia de comparsas, orgulhosos de uma civilização comum. Mas essa paixão, cuja intensidade encanta nossa felicidade e nos enlaça em nossos próximos, a pares, a semelhantes, acarreta também a violência. Querelas entre tribos, guerras entre nações. Luta de classes, a rivalidade se opõe, tanto e ainda mais do que as pessoas, os grupos dos quais temos prazer em fazer parte (SERRES, 2015, p. 118).

Em meio à sociedade da tecnociência, o que vemos é o consumo nas suas mais variadas vertentes. Com o consumo e todo o avassalador aparato tecnológico encontra-se a escola, que concorre de forma desleal com este mundo.

Eis o perigo maior que nossos filhos correm: nós os mergulhamos num universo de códigos replicados, nós os esmagamos com redundância. Eis a crise na educação: baseada na imitação, a aprendizagem os ensina a se tornarem singularidades inimitáveis. Tonitruantes, as mídias, a publicidade, o comércio, os jogos, repetem ao contrário: imitem-se, tornem-se veículos automáticos da repetição de nossas marcas, para que seus gestos repetidos multipliquem na repetição de nossos êxitos comerciais. Tímida, quase sem voz em face desses potentados, a educação segreda: não imitem ninguém, a não ser vocês próprios, tornem-se sua liberdade. Tornando-se pedagógica, nossa sociedade fez da educação uma contradição. Eis, por fim, a crise da educação: num universo de replicadores, de modas e de códigos reprodutores, e em breve de clones, a obra inimitável permanece oculta até a fundação de um novo mundo. Nesse mimetismo, a cultura humana amplifica ou generaliza um dos segredos da vida, ela própria sempre replicada (SERRES, 2015, p. 239-240).

Ao filosofar, Serres nos põe a fazer profundas reflexões, quando enfatiza a importância da narrativa da nossa existência a partir do ato de contar, do ato de falar, do ato de narrar, chama a atenção para o fato de que o quão imprescindível é a nossa história. Colocando a narrativa como preponderante para a essência da humanidade. Conceituar não é mais importante do que narrar, o conceito define coisas, a narrativa tece o fio da vida, recompõe a humanidade. Outro fato destacado reside no sentimento de pertença, em como a humanidade se encontra entre o local e o singular, o global e o específico, pois já não mais sabemos situar as nossas coletividades. O homem se transformou, o homem se metamorfoseou, o homem conquistou o mundo, vem conquistando o espaço, mas muitas vezes apresenta dificuldade em conquistar a si mesmo, o seu lugar, porque este homem não tem mais um lugar, vive o sedentarismo e o nomadismo, vive o aqui e o ali, sem conseguir conviver, tornando-se

sedentário nas emoções e nômades nas relações. Já não poderíamos explicar o sentimento de pertença nas narrativas da humanidade.

Outro importante autor que retrata a importância da narrativa da vida a essência e questiona o sentimento de pertencimento é Marcelo Gleiser. Um renomado cientista que tem correndo por suas artérias a paixão pela ciência e também pela pesca. Demonstra isso em seu livro mais autobiográfico, que é um tributo à natureza, ao significado da existência, perpassando pelos átomos, pelo cosmos e por seu prazer em pescar. *A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida (2016)*, retrata a uma analogia entre a física e a pesca, como a pesca serve de espelho para o funcionamento da natureza e como isso influenciou na sua formação de cientista, traz ainda como a ciência lida com a espiritualidade e com o que não consegue explicá-la.

Avizinhando do pensamento de Serres, Gleiser (2016), ao ressaltar o sentimento de pertencimento parte de um questionamento: como definir a nossa casa? E nos põe como emigrantes sempre em busca de algo, quer seja a casa antiga da nossa infância, quer seja a casa do nosso presente. Por isso, vale dizer que o que fomos, o que vivemos, a nossa história está impregnado em nós, esquecer as nossas raízes é esquecer a nossa essência. Se não sei quem fui, não sei quem sou e muito menos quem serei. Não se trata de conseguir bens materiais, ter uma reputação ilibada, ser ascendente profissionalmente, trata-se de não termos uma história para narrar. “O maior erro que um emigrante pode cometer é se esquecer de onde veio, de suas raízes. Uma pessoa que apaga seu passado apaga sua própria história” (GLEISER, 2016, p. 126).

A natureza não sabe o que é bondade, mas nós sabemos ou deveríamos saber, porque nos declaramos *homo sapiens*, literalmente homem sábio, afirma o autor. Cabe nos indagar em que plano se encontra este homem sábio, em meio a esta sociedade que busca abarcar todos os espaços de um conhecimento científico e institucional.

Gleiser (2016) também faz uma importante analogia quando estabelece que uma águia conhece a lei de Boyle, pois ao passar rasante sobre o rio, em silêncio perfeito, relaciona pressão e o volume dos gases, o seu voo é fruto do uso de uma bolha de ar quente para ganhar altura sem esforço. “Ver aquela águia subir aos céus com graça infinita me faz lembrar que existem várias formas de saber; e que outras criaturas têm muito a nos ensinar” (GLEISER, 2016, p. 21). Por isso a necessidade de abrir oportunidades para outras formas de saber, não doravante, reconhecer que existem outras possibilidades e perspectivas diferentes de conhecimento, com formas de tratamento da informação particulares.

Uma indagação bastante pertinente de Gleiser parte do fato de que devemos nos perguntar de onde vem a ideia de que é vantajoso saber tudo. “Imagine que tristeza se, um dia, completássemos o conhecimento” (GLEISER, 2016, p. 31). Está no espírito criativo da curiosidade, da imaginação, a chama que mantém acesa o desejo de conhecer.

Sem novas perguntas a fazer, nossa criatividade murcharia, nosso espírito se apagaria como uma vela. Para mim, essa possibilidade é muito mais trágica do que abraçar a dúvida como parceira essencial de uma mente curiosa. A ciência é o instrumento mais eficiente para explorarmos todas as facetas do mundo natural. Por isso mesmo, devemos sempre nos lembrar de que é uma invenção humana e que, assim como nós, tem seus limites. Qualquer sistema de conhecimento pode e deve falhar. Essa falha é necessária para o avanço do conhecimento, para que a Ilha cresça. A falha alimenta a mudança, a transformação. Ademais, por que querer que a razão invada todos os cantos da nossa existência? Alguns mistérios podem ser resolvidos pela razão, outros, não. Melhor assim (GLEISER, 2016, p. 31-32).

A leitura instigante da obra de Marcelo Gleiser é um convite para pensarmos no inesperado, no ato da busca, buscar o que nos dá sentido, o que nos dá prazer, sem esquecer quem fomos, sem deixar de lado as nossas raízes. O sentido da existência está na descoberta, no que inquieta o nosso *eu*, no que renova as nossas esperanças, no ato de fazer. Ao conectar o homem e o planeta estamos explorando o significado da nossa existência. Se eu tenho prazer em pescar, o peixe é o meu objeto de desejo. Se eu desejo, isso me move. Se eu me movo, procuro. Se eu procuro, busco encontrar. Se encontro ou não encontro, não é o importante, o importante reside em não desistir da busca.

A partir dessas reflexões, propostas por Serres e Gleiser, enquanto objetivava a esperança de encontrar-me com o entufado-baiano, como mencionado no capítulo anterior e dando continuidade ao meu objetivo de encontrar com o entufado-baiano, trago para a minha pesquisa os fragmentos das entrevistas realizadas.

O primeiro a ser entrevistado foi o seu Biu. Como mencionado, mora dentro da reserva Mata do Passarinho, com sua mulher e seus quatro filhos.

Ao questionar o motivo que levou seu Biu a residir dentro da reserva, obtive a seguinte resposta:

Oh, esse lugar é a minha casa. Você sabia? Não é só porque hoje moro aqui não. Eu cresci aqui. Sim. Essa casa aqui era a mesma casa. Meu pai tinha uma vendinha que ficava ali em frente. Minha infância foi aqui. Pois é. Fiquei aqui até uns doze anos. Depois fomos pra cidade. Meu sonho era voltar a morar aqui. Tinha noite que eu ficava pensando neste lugar. Gosto da natureza (SEU BIU, entrevista concedida em 18 de abril de 2018).

Em todas as vezes que estive com o senhor Biu fui sempre muito bem acolhida. Se agendássemos visita lá estava ele com seu uniforme e seu crachá. Não só ele, porque na reserva trabalham mais dois funcionários, embora nenhum deles residam lá. Mas se chegasse

de surpresa, como fiz algumas vezes, lá estava, com aquele sorriso estampado no rosto, prontamente a usar uma calça e uma bota e andar comigo pela reserva.

Se tem um lugar na reserva que enche seu Biu de orgulho é no espaço do viveiro. A reserva tem muitos ambientes, encontramos o espaço de convivência para palestras, o observatório, o alojamento para pesquisadores, a cabana de socialização dos conhecimentos adquiridos. Ao conversarmos um pouco sobre as plantas, seu Biu disse que a reserva recebeu vinte mil vindas do Rio de Janeiro, ao mostrar surpresa, ele disse que não era uma grande quantidade por conta do tamanho da área. Falou também de algumas preocupações e do seu amor em cuidar e ouvir a natureza.

A reserva oferece suporte para que haja o reflorestamento e a realização de outros projetos, no entanto, parcerias importantes foram desfeitas e a *Fundação Biodiversitas* vem buscando outras alianças para que haja continuidade nos projetos. Independente, continuo minha luta diária, cuidando das mudas, replantando, vivendo o meu sonho. Aprendi a escutar as *pranta*, elas *fala*, sabia? É. Eu *converso* com elas, elas me *atende*, eu escuto. *Conheço* todas as muda. Aprendi com meu pai muita coisa, mais muita coisa fui aprendendo sozinho, com a vida. Quando os *povo* vem do estrangeiro eu dou até aula. Viro professor. Aí eu sei que também sei *alguma* coisa, né. Eles *fica* tudo me *olhando*, eu conversar com as *pranta*. Acho que esses *pensa* que sou doido. Mais não sou não. Eu sou é apaixonado por elas e elas por mim. Creia? (SEU BIU, entrevista concedida em 18 de abril de 2018).

Conversávamos bastante em frente à sua casa. Na sala, já avistava a sua paixão pelo entufado-baiano, com fotos na parede.

Figura 3: Quadro do entufado-baiano que enfeita a parede da sala da casa de seu Biu



Fonte: Arquivo pessoal

Ao perguntar sobre o entufado-baiano, se ele acreditava na recuperação da espécie, o senhor Biu respondeu que no ano de dois mil e dezoito as visitas à reserva foram reduzidas, justamente para intensificar as pesquisas em torno do entufado, mas que ele acreditava na sua recuperação, pois já tinha visto o entufado de pertinho.

Foi assim, num finzinho de tarde eu *tava* aqui, sentado na frente de casa. *Tava* tranquilo, calmo. Só eu. De repente eu vi, nem acreditei. O passarinho era uma fêmea, bem pertinho. *Tava* no pé de goiaba. Lada a lado com eu. Quase choro. Mas ele ficou pouco, aliás, ela, né. (*rs*). Você já recebeu uma anestesia? Foi assim que

senti, anestesiado. Não tinha ninguém pra eu contar. Todos os dois que trabalha aqui já tinha ido embora. Eu sozinho só eu, Deus e o passarinho (SEU BIU, entrevista concedida em 18 de abril de 2018).

Quando conversei como o senhor Biu a respeito de morar na Reserva, longe de tudo, em algumas vezes que cheguei lá estava sem luz, porque nesta última visita a energia solar estava funcionando, sem acesso a recursos tecnológicos, se não pensava em se mudar, já que os seus quatro filhos pequenos poderiam sentir falta da tecnologia. Seu Biu me respondeu:

Daqui, saio não. Aqui é minha casa. A natureza é minha casa. Aqui é o meu lugar. Os meninos estudam na cidade de Bandeira. Todo dia eu levo eles no ponto, aí passa o transporte escolar e levam eles. Sei que mais cedo ou mais tarde eles não vão querer ficar aqui. Longe do celular, da televisão, das coisas do mundo. Mas eu vou entender eles. Só que daqui quero sair não (SEU BIU, entrevista concedida em 18 de abril de 2018).

Seu Biu relatou que a reserva oferece suporte para que haja o reflorestamento e a realização de outros projetos, no entanto, parcerias importantes foram desfeitas e a *Fundação Biodiversitas* vem buscando outras alianças para que haja continuidade nos projetos. Independente, seu Biu continua sua luta diária, cuidando das mudas, replantando, vivendo o seu sonho. Ao perguntar como ele tinha tanto conhecimento com as plantas, respondeu:

Aprendi a escutar as pranta, *elas fala*, sabia? É. Eu converso com elas, elas me atende, eu escuto. Conheço todas as muda. Aprendi com meu pai muita coisa, mais muita coisa fui aprendendo sozinho, com a vida. Quando *os povo* vem do estrangeiro eu dou até aula. Viro professor. Aí eu sei que também sei alguma coisa, né. *Eles fica* tudo me olhando, eu conversar com as *pranta*. Acho que *esses pensa* que sou doido. Mais não sou não. Eu sou é apaixonado por elas e elas por mim. Creia? (SEU BIU, entrevista concedida e 04 de fevereiro de 2019).

Quis saber como eram desenvolvidos os projetos dentro da reserva, então, obtive a seguinte resposta.

Aqui nós tomamos cursos de técnicas de reflorestamento, mas muitas vezes eu dou meus palpites, porque só quem trabalha todo dia com a terra pode dizer que conhece a terra. Cada lugar tem sua história, seu mistério. Não é em todo lugar que tudo que planta dá não. Tem que conhecer a planta e ver se sela gosta daquele lugar. (SEU BIU, entrevista concedida e 04 de fevereiro de 2019).

Como é interessante pensar que se uma planta não serve para determinado tipo de terra é porque ela não gosta. A vida ganha realmente sentido de vida com estas palavras. Escolhi homenageá-lo com a canção *Sonho de Menino*, de Paulinho Pedra Azul. Do sonho de menino a contemplar as estrelas daquele mesmo lugar, do quintal da sua infância. Como bem fez seu Biu, com o seu sonho em viver na sua eterna casa, a Reserva Mata do Passarinho.

*Quando era menino
Eu via a lua saindo
Pensava assim comigo
Um dia eu vou lá*

*De jeep ou caminhão
De barco ou de avião
Se eu não puder voar
Cresceu meu coração
Me trouxe outra emoção
E o sonho de menino
Voou... voou*

Agora, apresento fragmentos da entrevista que fiz com seu Toinho de Bião, que é um homem que externa muita sabedoria e alegria pela vida, tem 78 anos e vive na região do Taboão da Serra, como supracitado, região do Ribeirão do Largo. O seu Toinho mora numa localidade isolada, muito longe da cidade. Um lugar bonito, com bastante água, cachoeiras, nascentes. Ao questioná-lo se não teria vontade de morar em outro lugar, prontamente respondeu: “Nasci, cresci e vou morrer aqui, não gosto deste negócio da cidade, lá não é que nem aqui, aqui a gente é amigo e eu também não sei nada”. Imediatamente indaguei, como não sabia nada, logo respondeu que não sabia ler nem escrever. Respondi a ele que isso não era motivo algum para dizer que não sabia nada. Mas é este o pensamento de muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento institucionalizado, se autodepreciam, sentem-se inferiores, como bem enfatizou Almeida (2017).

Seu Toinho relatou a sua tristeza com a região, que embora muito bonita teve suas árvores derrubadas para transformar a área em pasto, já que muitas eram árvores centenárias. Mais indignado foi com a retirada da taboa, que dá nome ao lugar.

Olha, aqui tinha muita taboa, mas muita taboa mesmo. Foi um crime ambiental a retirada da taboa. A taboa retém a água. Com isso, onde tem taboa tem água sempre. Você vê e acha que hoje tem muita água. Tu não sabe o que é água. Queria ver como era antes desse povo fazer isso (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Ao questionar quem retirou a taboa e por quais motivos fizeram isso, seu Toinho demonstrou toda a sua tristeza e preocupação.

Os fazendeiros aqui da redondeza. Ninguém quis ouvir meus apelos. Fiquei muito triste. Hoje eles já sentem. Amanhã será ainda pior. Tu vai ver. Para fazerem pasto. Criar gado. Ter dinheiro. Além da taboa derrubaram árvores centenárias. Ipê, jatobá... (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Ao ouvir falar em taboa, na tristeza de seu Toinho com a sua retirada, no nome do lugar por conta disso, fui instigada a querer saber o que era mesmo a taboa. Obtive, então a seguinte resposta:

Antigamente o povo daqui comia a taboa. É. É verdade. Tu não creia? Ela é como uma espiga de milho. Nós *gostava*. Meu pai tinha o prazer de reunir aquela *fiarada* pra comer. A taboa também *servia* de remédio pra *ferida*, machucado. Minha mãe fazia um creme, assim, botava no machucado. Noutro dia já *tava* secando. É

verdade. Sei que muita gente não *creia*. Mais nós se curava. Também me lembro que a *muierada* fazia esteira (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

A taboa² é uma planta inteiramente comestível. Para começar, a espiga pode ser cozida ou assada, como um milho verde (aliás, tem proteína equivalente a ele). As sementes contêm 88% de óleo, comparável aos de girassol e de canola, o que indica caráter medicinal. Além disso, é cultivada como filtro biológico para esgoto doméstico, efluentes industriais e de criação de animais, e também para controlar a erosão em canais. É capaz, inclusive, de remover metais pesados da água.

Ao mencionar a palavra esteira, seu Toinho riu como um menino. Disse que eu era muito nova e não sabia o que era isso. Respondi, em meio a risos também, que sabia sim, que com a esteira as pessoas faziam artesanato, cestas, bolsas, ornamentavam suas casas, além de serem usadas como tapete. Falei a ele que hoje as pessoas ainda vendem e que não é baratinho não. Ele ficou impressionado, quase não acreditou, porque achava que ninguém mais mexia com isso. Nesse momento, comecei a imaginar que esteira é feito pelo entrelaçar, logo estabeleci conexão com Morin ao mencionar a complexidade.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “complexidade” é de origem latina, provém de *complectere*, cuja raiz *plectere*, significa trançar, enlaçar. Remete ao trabalho da construção de cestas que consiste em entrelaçar um círculo, unindo o princípio com o final de pequenos ramos.

A presença do prefixo “com” acrescenta o sentido da dualidade de dois elementos opostos que se enlaçam intimamente, mas sem anular sua dualidade. Por isso a palavra *complectere* é utilizada tanto para designar o combate entre dois guerreiros, como o abraço apertado de dois amantes” (MORIN, 2003, p. 43).

Seu Toinho tem sabedoria que nos permite ficar horas a fio a escutá-lo. Ao questionar como fazia na época de chuva, se havia previsão de que pudesse chover, por conta do acesso ao local e até mesmo se alguém adoecesse, dentre outras dificuldades, seu Toinho disse.

Antigamente a gente ouvia o radinho de pilha. Não tinha luz por aqui. Eu escutava o rádio e passava o tempo, falava que dava chuva em São Paulo. Fazia minhas previsões e avisava a vizinhança que com três dias chovia aqui. E chovia mesmo (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Curiosa, logo quis saber como era essa previsão, que veio imediatamente com uma resposta.

Sim. Sim. Eu já fui pra São Paulo a pé. Quer dizer, no lombo do jegue. Mas caminhava muito. Muito mesmo. Meu pai entregava casca pra remédio em São

² Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/noticia/2014/12/taboa.html>. Acesso em 20/01/2019.

Paulo. Casca de babatimão, jurema preta, tudo pra remédio. Eu e meus irmãos ajudava ele. Era bom demais. Levava 30, 40 dias pra chegar. Descarregar. Depois voltar. Então eu sempre fui muito ligado nas distâncias. Mesmo não sabendo ler nem escrever. A cada parada eu cronometrava na mente quanto tinha andado. Nós *via* a chuva acompanhando a gente. Fui observando. Quando chegava aqui e falava que dia ia chover, todo mundo acreditava em mim. Eita, ficava feliz demais. Chuva é coisa de Deus, mas pra nós, que mora longe, com essa estrada, nem sempre era bom. Porque quando alguém adoece ou vai dar à luz até hoje é difícil (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Ao relatar as inúmeras viagens que fez a pé para trabalhar com seu pai e irmãos em outras localidades longe da sua, nos dias incontáveis que andava sem parar, seu Toinho me confessou que passou a observar a natureza, conversar com ela.

Ela me entendia e eu entendia ela, eu conversava com ela, conversava naquelas noites de céu iluminado, porque nós não tinha luz, era o *candieiro*, mas meu pai apagava tudo, ficava todo mundo conversando com as estrelas, contando causo. Era muito bom, mas num volta né. Olha, minha filha, a natureza tem poder, tem encantamento. Eu gosto de sentar perto da natureza. Ficar observando ela. Você já parou pra pensar nisso? Fique pelo menos uma hora do dia a observar o que a natureza tem a dizer. (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Respondi a seu Toinho que estava aprendendo a ouvir um pouco melhor a natureza, ouvir o seu silêncio. Seu Toinho, então, me deu uma lição que me deixou sem palavras. “Não. A natureza não tem silêncio. Ela fala. Mas não é qualquer um que pode ouvir. É só quem observa ela todo dia. Não é um dia. Parar. E tal. É todo dia. Uma lição de todo dia”.

Proprietário de uma pequena mercearia, seu Toinho mora com sua esposa e, seus filhos, todos já criados, que residem na mesma localidade. Na frente da mercearia foi construída a escola que atende a região. A professora da escola é sua filha.

Figura 4: Mercearia e Escola no Taboão da Serra



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5: Escola da Região do Taboão da Serra



Fonte: Arquivo pessoal.

Seu Toinho demonstra muito entusiasmo pela construção da escola, porque, segundo ele, a meninada tem oportunidade de aprender alguma coisa, mas que quando chega a hora de seguir os estudos muitos não vão, por conta da distância e da estrada de acesso ser bastante ruim.

Quando falei da Reserva Mata do Passarinho, seu Toinho mostrou muito entusiasmo.

Ah, minha filha. Aquele lugar conheço bem. A fazenda era Arrebol 1. Porque tinha a 2, sabe? Fui muito lá pegar leite, roçar. Os donos eram gente boa. O problema foi derrubar as árvores para vender. Dava muito dinheiro. Mas sobrou muita mata. Lá tem árvore virgem demais. Tem onça. Onça parda. Tem de tudo. Tem uma nascente que cai no rio de Areia. Rio que hoje tá quase morto. Tá assoreado. Aí veio o pessoal, replantando a floresta, cuidando da mata. Tá bonito de se ver. Ali é um presente de Deus (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Ao questionar se ele conhecia o pássaro mais famoso da reserva, respondeu:

O *bichin* é do tamanho de uma sabiá, o macho é diferente da fêmea, eles só vive bem escondido, pra ver tem que entrar na mata. Quando eu ia pro mato mais meus irmão, nós *via* eles, mas nunca demos importância. Só depois da fama é que a gente aqui comenta. Mas nós *chamava* de outro nome, só que ... Como era? Lembro mais não (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Quis saber como era essa diferença entre o entufado-baiano macho e a fêmea. Seu Toinho disse que o macho era preto e a fêmea marrom, mas que os dois tinham um tufo na cabeça. Mencionei a seu Toinho do risco que corre a espécie, dizendo que hoje temos menos de dez indivíduos, e que, pelas últimas pesquisas somente seis foram encontrados. Seu Toinho demonstrou dúvida, porque ele não acredita que só tenha essa quantidade, já que “o problema é que o danado gosta de lugar bem cuidado. Gosta de ficar escondido. Aí, às vezes, confunde ele com a mata”.

Então, perguntei a seu Toinho se acreditava que o entufado-baiano sairia da ameaça de extinção, a resposta foi imediata:

Lógico, claro que sim, o povo tá cuidando do lugar, lá tem até onça, tem muito passarinho bonito. Numa mata que tá prantada o *bichin* não morre. Também não entra ninguém pra caçar. Antes entrava muito, mais hoje o povo tá de olho (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Completei se ele tinha esperança de dias melhores e prontamente respondeu:

Olha minha filha, nós *num* tem porque reclamar. Aqui nós tem tudo. Nós mesmo planta, nós mesmo colhe, nós mesmo cria a carne, tem galinha, tem porco, falta a carne de boi, mas de fome ninguém morre. O povo reclama demais da vida. O ruim só é quando adocece, aí é ruim, mas depende da doença, aqui mesmo nós temos nossas planta que cura (TOINHO DE BIÃO, entrevista concedida em 19 de abril de 2018).

Com seu Toinho de Bião pude perceber que não sou uma leitora de segunda ordem, assim como estabelece Ceiza Almeida. É preciso conhecer a natureza de um modo único, enfatizado por Chico Lucas. São lições que não nos impedem de buscar proximidade. O conhecimento não se constrói apenas no seio escolar, é na prática que noções, tão estigmatizadas, como medidas, podem ser melhor ensinadas. Com ele, as construções das minhas novas cartografias cognitivas se esbarram na muralha do apego aos bens materiais, ao ver que com tão pouco o sorriso está sempre estampado na face e a gratidão no coração. Também pude estabelecer uma analogia entre a utilidade da taboa em tecer esteira e o pensamento complexo de Edgar Morin. O que me permitiu traçar uma inferência quanto ao processo de construção do conhecimento. Qual a utilidade da taboa? Este questionamento conduziu-me a outro: Qual a utilidade do conhecimento? Muitas vezes, o conhecimento se esbarra na muralha da utilidade, e ali mesmo se desmorona, não se edifica, já que não apresenta nenhuma intencionalidade. A taboa, dentre outras utilidades, tem a função de, ao entrelaçar, construir um artefato que é útil, de alguma maneira. E é nessa utilidade que o conhecimento se vê aprisionado, não há uma intersecção com a vida, para que dela se abstraia o que se configura como significativo.

Deixo a canção abaixo, um convite à arena das reflexões, para pensarmos e repensarmos o valor que damos aos bens materiais, quando quem tem tão pouco pode oferecer muito mais do que o pão que alimenta o corpo, tem a riqueza de oferecer um alimento que sacia e enobrece a alma. A canção de Elomar Figueira Melo, *Violeiro*, dedico ao seu Toinho de Bião:

*Vou cantá no canto di primero
as coisa lá da minha mudernage
qui mi fizero errante e violêro
Eu falo sério e num é vadiage*

*E pra você qui agora está mi ovino
 Juro inté pelo Santo Minino
 Vige Maria qui ôve o queu digo
 Si fo mintira mi manda um castigo*

*Apois pro cantadô i violero
 Só há treis coisa nesse mundo vão
 Amô, furria, viola, nunca dinheiro
 Viola, furria, amo, dinheiro não*

*Cantado di trovas i martelo
 Di gabinete, lijêra i moirão
 Ai cantado já curri o mundo intero
 Já inté cantei nas portas di um castelo
 Dum rei qui si chamava di Juão
 Pode acriditá meu companhero
 Dispois di tê cantado o dia intero
 O rei mi disse fica, eu disse não*

*Si eu tivê di vivê obrigado
 um dia i antes dêsse dia eu morro
 Deus feiz os homi e os bicho tudo fôrrro*

*já vi iscrito no livro sagrado
 qui a vida nessa terra é uma passage
 Cada um leva um fardo pesado
 é um insinamento qui desde a mudernage
 eu trago bem dentro do coração guardado*

*Tive muita dô di num tê nada
 pensano qui êsse mundo é tudo tê
 mais só dispois di pená pela istrada
 beleza na pobreza é qui vim vê
 vim vê na procissão do Louvado-seja
 I o assombro das casa abandonada
 côro di cego na porta das igreja
 I o êrmo da solidão das istrada*

*Pispiano tudo do cumêço
 eu vô mostrá como faiz um pachola
 qui inforca o pescoço da viola
 E revira toda moda pelo avêssso
 i sem arrepará si é noite ou dia
 vai longe cantá o bem da furria
 sem um tostão na cuia u cantado
 canta inté morrê o bem do amo.*

A partir das importantes interlocuções estabelecidas e dos fragmentos das entrevistas, percebo ser importante ressaltar que nem toda pessoa que não teve acesso à ciência institucionalizada pode ser considerada um intelectual da tradição. Assim como, nem todo acadêmico pode ser considerado um cientista intelectual. O intelectual da tradição manipula e constrói conhecimento, conhece e domina a natureza, produz ciência, mesmo sem ter

frequentado bancos escolares. Já um cientista para ser considerado como intelectual não pode ser um mero reprodutor de conhecimento, far-se-á necessário ser construtor dele.

Pensar estratégias que rompam com a fratura e o hiato existentes entre o homem, a natureza e a cultura, torna-se, hoje, um imperativo da educação. Possibilitar vivenciar experiências que sejam capazes de oportunizar aos que percebem com maior facilidade a relação dialógica que se estabelece na diversidade da natureza é propiciar um possível intercâmbio entre ciência e tradição. Far-se-á necessário reconhecer a urgência em se plantar uma ciência que vise religar saberes, valorize o multicultural e evoque construções cognitivas que dão sustentáculo ao respeito e à diversidade. Interseccionar e avizinhar, propondo um diálogo e reconhecer os efeitos do grande abismo que separa o mundo dos saberes, é perceber a importância de romper com a dicotomia existente entre os saberes científicos e os saberes da tradição, aprendendo o quão importante é compreender o que motiva o ser humano, quais suas quimeras, o que o aflige, como se vê em relação a si mesmo, ao próximo e à sociedade.

Se, de repente, pudéssemos te o privilégio de registrar um encontro entre o seu Toinho de Bião, o seu Biu e Chico Lucas. O diálogo seria mais do que um alimento intelectual-afetivo, seria uma lição de vidas. Posso imaginar Chico debatendo a filosofia da natureza, ouvindo atentamente, olhando atentamente. Dá pra sentir a risada gostosa de seu Toinho e o carisma nato de seu Biu.

Esse diálogo seria um encontro de quem conhece a natureza que pisa, de quem escuta o coração do meio ambiente. Já vejo seu Toinho relatando suas viagens, demonstrando seu conhecimento pelas estrelas, pelas nuvens, pelo céu. Já sinto seu Biu emanando todo o seu conhecimento pelas plantas, falando do amor que sente por elas. E quando relatassem do entufado-baiano? Creio na curiosidade aguçada de Chico, e nas várias horas de conversas e histórias. Consigo captar na memória esse momento, algo mesmo do campo imaginário e do verbo esperar. Na esperança reside os sonhos de termos momentos fecundos e oportunos de encontros e reencontros.

Seu Biu e seu Toinho de Bião poderiam ser considerados como sendo intelectuais da tradição, corroborando com o pensamento epistemológico de Ceiza Almeida? Estaria em seu Biu uma escuta sensível para fazer a leitura de segunda ordem do universo das plantas como bem faz Chico Lucas ao ouvir o que as pedras tem a lhe dizer? Residiria em seu Toinho de Bião o filósofo da natureza que lê e interpreta os fenômenos ambientais da mesma maneira que faz Chico ao desenvolver estratégias cognitivas para interpretação do meio ambiente?

São questionamentos que deixam margens de respostas. Para refletir sobre a minha busca por um pássaro e o meu desencontro com o entufado-baiano, posso dizer que nem tudo

que se procura pode ser facilmente encontrado, o que não significa que não exista. Como nem tudo pode tudo na vida e nem tudo nos é possível, deixo a canção de Ivan Lins para pensarmos nestas situações. Como desintoxicante do conhecimento complexo, assim como o oxigênio matava os seres vivos primitivos até que a vida o usasse para desintoxicá-la, a incerteza que mata o conhecimento simplista, seria este aporte. O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo, o surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação (MORIN, 2006).

Daquilo que eu Sei

*Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza...*

*Daquilo que eu sei
Nem tudo foi proibido
Nem tudo me foi possível
Nem tudo foi concebido...*

*Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah Eu!
Usei todos os sentidos
Só não lavei as mãos
E é por isso que eu me sinto
Cada vez mais limpo!
Cada vez mais limpo!
Cada vez mais limpo!*

3. ANALOGIAS INTERPRETATIVAS E O ENSINO DA CIÊNCIA

“É preciso advogar em favor do novo” (ALMEIDA, 2017, p. 105).

Quando Almeida (2017) apresenta a epígrafe da necessidade de advogarmos em favor do novo traz com essa necessidade a inquietude e o preço a pagar pela inovação da ciência. O meu desejo é que a ciência saia da inércia e propague-se no voo. Voando consiga vislumbrar a importância de religar saberes e de valorizar outras formas de conhecimento. Para falarmos dessa importância, proponho apresentar uma relação entre o entufado-baiano e a águia, estabelecendo uma analogia entre o entufado-baiano e os saberes da tradição e entre a águia e a ciência institucionalizada.

Mas, afinal, o que os saberes científicos tem a dizer sobre o entufado-baiano? Ao responder esta indagação, baseio-me na Dissertação de Mestrado de Sueli Souza Damasceno (2011), intitulada *Distribuição, biologia e estimativa populacional do entufado-baiano (Merulaxis stresemanni) (Passeriformes, Rhinocryptidae), uma espécie criticamente em perigo de extinção da Mata Atlântica*. A dissertação de Sueli Damasceno trata-se de um trabalho digno de uma pesquisadora que se embrenhou pela Reserva Mata do Passarinho e regiões adjacentes em busca de conhecer melhor o hábitat e hábitos deste pássaro. As informações a seguir, sobre o entufado-baiano, partem do trabalho desta bióloga e nos apresenta quem é este pássaro ameaçado de extinção que possui os seus últimos registros na Reserva Mata do Passarinho. A seguir, apresento fragmentos desta dissertação que trazem hábitos do entufado-baiano.

A família Rhinocryptidae compreende um pequeno grupo de aves insetívoras, residentes e territorialistas, da América do Sul, que habitam sub-bosque denso, com ninhos críticos e difíceis de serem encontrados e, portanto, são espécies pouco estudadas. Sobre o gênero Merulaxis, pertencente a esta família, pouco se conhece, principalmente Merulaxis stresemanni, o entufado-baiano, que é uma ave rara, endêmica e ameaçada de extinção na categoria “criticamente em perigo” da Mata Atlântica e, até 1995, permaneceu desaparecida na natureza sendo novamente encontrada em 2004. O principal objetivo da dissertação foi o de contribuir com dados que subsidiassem medidas de conservação de Merulaxis stresemanni, através de estudos sobre a sua biologia, estimativa populacional, tamanho territorial e aspectos comportamentais. Os estudos foram conduzidos no sudeste da Bahia e, principalmente, em um fragmento de Mata Atlântica entre os municípios de Bandeira-MG e Macarani- BA, local de sua redescoberta em 2004. Merulaxis stresemanni apresenta

diferenças entre o macho e a fêmea. A fêmea possui a parte dorsal marrom-escuro com tonalidades pretas. As costas e as margens das rêmiges são levemente tingidas de ferrugem. A parte interna das rêmiges e da cauda são marrons levemente mais claro que o dorso. Loros, parte inferior do pescoço e peito são de intensa cor ferrugem. Nos lados do pescoço essa cor passa sucessivamente para o marrom-escuro das partes superiores. O macho não apresenta a cor ferrugem como a fêmea. A parte anterior do corpo é de tonalidade cinza azulada escura. A parte posterior, incluindo flancos e abaixo da cauda é de tonalidade marrom-oliváceo. Tanto o macho quanto a fêmea possuem um pequeno topete de penas eriçadas na base superior do bico. O entufado-baiano requer prioridade de conservação devido ao seu endemismo, ao grau de ameaça, à minúscula população confirmada até agora e à contínua degradação e destruição de seu habitat. Indivíduos de *Merulaxis stresemanni* foram preliminarmente observados sempre em locais com cipós, bambus nativos, palmitos, folhas grandes e secas na serrapilheira, tanto de embaúba como de outras espécies com folhas pentâmeras grandes e grandes troncos podres caídos. A partir da vocalização de três indivíduos fêmeas e apenas um indivíduo macho foram gerados sonogramas dos cantos. Analisando as diferenças na vocalização entre os sexos, percebeu-se que macho e fêmea distinguem-se pela vocalização. O canto do macho é mais prolongado que o de fêmeas. Durante todo o período de estudo, *M. stresemanni* foi registrado em apenas dois locais do fragmento florestal Bandeira-Macarani: RPPN Mata do Passarinho e na Mata do Lodo. Foram registrados de quatro a seis indivíduos, destes, apenas um macho foi registrado (razão sexual: 5:1). No fragmento principal deste estudo, que inclui a RPPN Mata do Passarinho, a espécie foi registrada principalmente em “grotas” em locais de altitudes variando de 600 a 930 m, com sub-bosque úmido e sombreado, apresentando troncos largos e podres, serrapilheira espessa, com abundância de folhas grandes e presença de cipó. Os indivíduos reviram as folhas grandes na serrapilheira à procura de insetos, sendo registradas fêmeas se alimentando de coleópteros, (cerca de 2 cm de comprimento) e lepidópteros (cerca de 2,5 cm de comprimento). Em 100% das vezes que foi visto forrageando, a espécie forrageava diretamente sobre o chão. Nunca foi registrada sobre arbustos. A altura máxima registrada foi de 80 cm acima do chão, quando subia nos galhos secos para cantar. O entufado-baiano possui comportamento solitário e arisco e não foi registrado em bandos mono-específicos ou mistos.

Figura 6: Merulaxis stresemanni (macho).



Fonte: Foto de Ciro Albano.

Figura 7: Merulaxis stresemanni (fêmea).



Fonte: Foto de Ciro Albano.

Como a minha proposta é estabelecer uma metáfora entre o entufado-baiano e a águia, para propor o possível avizinhamiento entre os saberes científicos e os saberes da tradição, baseei-me na obra de Leonardo Boff *A águia e a galinha* (1997), para compreender as características mais peculiares de uma águia. Boff foi professor de Teologia, Filosofia, de

Espiritualidade e Ecologia, dedicou mais de vinte anos com um pé na academia e outro no meio dos pobres, dessa combinação ajudou a formular a teologia da libertação.

A obra *A Águia e a galinha* (1997) é uma metáfora da condição humana que apresenta as águias como tendo dentro de si o chamado do infinito. Constroem seus ninhos no alto das montanhas, em fendas bem abrigadas, ou no topo mais elevado das árvores, onde ninguém pode chegar. Usam seus ninhos muitas e muitas vezes e ano após ano voltam para botar dois ou três ovos e acrescentar novos galhos e folhas verdes. Seu ninho apresenta dimensões precisas, um metro de altura, três de comprimento e dois de largura. Cuidadas na construção de seu hábitat a base é feita de galhos grossos forrada de folhas macias e perfumadas. A águia fêmea choca somente dois ovos, enquanto a águia-macho é coadjuvante na tarefa de incubação, que dura de 43 a 45 dias. O filhote mais velho comete um agucídio e bica o irmão recém-nascido até sua morte, mistério da natureza que estigmatiza o predadorismo voraz das águias. Com olhos de lince, bico encurvado, língua dura e forte como uma pedra e garras que funcionam como punhais, as águias apresentam uma envergadura das asas que pode variar de 2 metros a 3,5 metros. Seus olhos são tudo. Seu olhar penetrante vê oito vezes mais que o olho humano. Sua retina é, ao mesmo tempo, monocular e binocular, orientada para coisas de perto e dirigida para coisas de longe. Tudo vê e tudo controla porque sua cabeça consegue perfazer 180 graus. Arremete como uma flecha e consegue localizar sua presa a mais de 1.600 metros de distância.

Trouxe à luz o entufado-baiano e a águia, para, então estabelecer uma analogia entre o entufado-baiano e os saberes da tradição e entre a águia e os conhecimentos científicos.

Como vimos, no trabalho da pesquisadora Sueli Damasceno (2011), o entufado-baiano encontra-se incrustado nas florestas, florestas estas densas e de difícil acesso, pássaro criticamente ameaçado de extinção. Podemos inferir que, assim, também se encontram os intelectuais da tradição, cada vez mais difíceis de serem encontrados, normalmente sempre estão isolados da dita civilização e do chamado progresso. Poderíamos dizer que também encontram-se ameaçados de extinção, porque como bem enfatizou Almeida (2017) a palavra tradição é problemática em si mesma ao consagrar como o que é do passado, característica das sociedades primitivas amputada de criatividade e transformação. Traz ainda que existem outras formas de saber e conhecer que se perdem no tempo e no anonimato por não encontrarem espaços e oportunidades de expressão. Assim são e estão os intelectuais da tradição, escondidos e gestados como a destreza de uma ciência que se personifica perto da natureza, com saberes que se expressam numa matriz de conhecimento a partir de sistematizações e aptidões próprias para exercitar o ato de conhecer.

Segundo Damasceno (2011), o entufado-baiano tem como uma de suas marcas registradas o fato de viver sempre próximo ao solo, quer para forragear ou procurar por comida. Em outras palavras, diríamos que seu foco são os pés no chão. Podemos daí estabelecer uma outra conectividade com os intelectuais da tradição, pois são também com os pés no chão, pisando na farmácia da natureza, lendo e interpretando a fauna e a flora, assim como fazendo a leitura dos fenômenos físicos que homens e mulheres, rotulados como analfabetos, desenvolvem um espírito atento e reorganizam suas estruturas cognitivas que dão sustentáculo a uma vida mais leve, “ninhos de reservas poéticas, forças psíquicas de criação não racionalizáveis, imagens arquetípicas e não traduzíveis mimeticamente pelas objetivações da realidade” (ALMEIDA, 2017, p. 134).

Um outro dado marcante do entufado-baiano, proposto por Damasceno (2011), é a solidão. Ao contrário da águia que estabelece um pacto de fidelidade do casal por toda a vida, o entufado vive só. Fato comprovado pela razão de 5:1, em que foram encontrados cinco fêmeas e um macho. Também vive só o intelectual da tradição, só no sentido de isolamento com outras formas de saber, classificado como sem conhecimento ou sem cultura, banido da sociedade dita do conhecimento. Mas que, sem acesso aos saberes científicos formalizados pela instituição escolar, sistematizam sua cognição e operacionalizam operações do pensamento para transformarem a natureza como aliada e fazerem de sua curiosidade peça fundamental para aguçar os seus sentidos e conectar-se a um permanente diálogo com o meio natural. E, assim, lutarem pela vida.

Já a águia nasce imponente, voraz e dominadora. Perfeitamente podemos associá-la aos conhecimentos científicos. Os conhecimentos institucionalizados já nascem com precisão, querem a exatidão, as certezas, assim como o ninho das águias, desde a sua construção. Constroem no alto, da mesma forma, que é do alto que se encontram esses saberes, sempre a imperar, sempre a dominar.

A águia comete um agucídio, mata para reinar sozinha. Muitas vezes, os conhecimentos científicos, fazem isso também. Ignoram outras formas de saber por não estarem no mesmo plano do comprovável, do verificável.

A águia do alto, o entufado-baiano do chão, mas o que importaria isso na luta pela sobrevivência? Cada um, à sua maneira, alimentam os seus sonhos e desejos.

A águia sempre será águia, terá coração de águia, essência de águia, jamais deixará de assim ser. O entufado-baiano sempre será entufado-baiano, terá coração de entufado-baiano, essência de entufado-baiano, jamais deixará de assim ser. A águia sempre dominará os céus, o entufado-baiano sempre dominará o chão, a terra. E, assim, são os saberes científicos e

saberes da tradição, nenhum nunca ocupará o lugar do outro, nenhum deve estar sobreposto ao outro, não se trata de endeusar um e diabolizar o outro, não se quer diminuir um para engradecer o outro. O conhecimento científico ocupa o seu lugar, lugar próprio, seu chamado é as alturas, experienciar, experimentar. O entufado-baiano também tem seu lugar cativo, seu chamado é o chão, experienciar, experimentar. Cada um utilizando as suas estratégias cognitivas próprias.

Nesta minha analogia, o entufado-baiano representa a vida humana em curiosidade, capacidade de romper obstáculos, superá-los e por fim, sobreviver. Mantendo vivo seus sonhos e dando esperança de luta e perseverança, como assim lutam os intelectuais da tradição, expressando a leveza e a sabedoria de quem conhece, por meios cognitivos não institucionalizados, a terra que pisa, construindo sua própria ciência.

Percebo que vale ressaltar o processo de mundialização homogeneizadora e a importância de encontrarmos em equilíbrio. Desta forma, a águia compreenderia o entufado-baiano e o entufado-baiano se associaria ao voo da águia. Os conhecimentos científicos estabeleceriam uma aliança com os saberes da tradição, abrindo-se e oportunizando espaços, no anfiteatro do conhecimento, a outras formas de saber. “Abrir a cultura científica, fazê-la dialogar com outras cosmologias do pensamento” (ALMEIDA, 2017).

Os saberes científicos separaram o ser humano em muitos fragmentos, em cada fragmento edificou um saber particular. Tais saberes são de grande valia, mas encerram reducionismo, porque não sabemos quem é este ser humano. Então, falta uma aliança, o cuidar do ser em sua integralidade, o cuidar do espírito, mantendo viva energias e sinergias para cultivar bons sentimentos, ações de companheirismo, um eterno útero que tudo protege.

Consensos interpretativos provisórios. Margens de manobras demonstrativas. Estratégias para capturar o não-localizável. Busca de propriedades que, para nós, exibem as qualidades de consistência e persistência. Artifícios de método que têm propósito demonstrar a dinâmica dos fenômenos. Formalização e modelização da realidade. Cartografias capazes de narrar limites e singularidades do real, transformando-os em fórmulas, axiomas, premissas, argumentos. Objetivação do desejo de ordenar o caos, identificar causas, explicar por que as coisas não são como são; de transformar o físico em metafísico, o metafísico em linguagem racional. Vontade de verdade e de totalidade. Vontade de saber. Prazer em conhecer. Artimanha, jogo e ludicidade do pensamento que cria problemas pelo simples prazer de resolvê-los. Imaginação e criação. Tentativa de solucionar problemas emergentes nos domínios da matéria, da natureza, da vida e do homem. Tudo isso constitui os ingredientes do cardápio da cultura científica cuja composição se expressa em rearranjos originais ou singulares, a depender da evolução dos paradigmas, das teorias, das interpretações (ALMEIDA, 2017, p. 171).

Ao trazer o olhar institucionalizado sobre o entufado-baiano, remeto-me ao olhar de seu Biu e de seu Toinho de Bião. Não foi o academicismo que fez com que estes dois homens pudessem reconhecer quem seria o entufado. O que fez com que retratassem, ao seu modo de ver e conhecer, como seria este pássaro foi, sem sombra de dúvidas, o seu modo de olhar

atentamente a natureza. Ao descrever a semelhança do entufado com um sabiá, seu Toinho fez inferências do seu conhecimento, aguçando mais ainda isso quando descreveu a diferença entre o macho e a fêmea pela sua cor. Já o seu Biu, descreveu a sensação do encontro com o entufado, pois para ele não é nenhuma novidade saber como é o entufado, já está incrustado em sua mente como é o entufado, quais as suas características.

Tanto para a ciência institucionalizada quanto para a não institucionalizada o que realmente importa é valer-se dos atributos cognitivos e lançar mão de suas próprias estratégias. Dessa forma, cada uma, a seu modo, é capaz de reconhecer o entufado, este pássaro criticamente ameaçado de extinção. Quer seja pela aparência física, quer seja pela sonorização emitida. Distintas formas que chegam ao mesmo denominador comum. O olhar é diferenciado, mas a conclusão é a mesma.

E como fica, então, a ciência? O que ela pode fazer para possibilitar a missão de unir saberes da tradição e saberes científicos? Sabemos que não há prontos, mas possibilidades.

A Ciência como instituição é uma expressão da cultura, como enfatiza Almeida (2017), uma construção da humanidade. À ciência do século 21 cabe a missão de religar saberes, múltiplos e dispersos, que busque retroalimentar a dialogia entre estes e rompa com a dicotomia entre os saberes científicos e os saberes da tradição.

A ciência é mais uma aliada e uma resposta às demandas da técnica, da política e do poder e menos uma mentora desses domínios. Por obstinadamente perseguir um conhecimento utilitarista, orgânico e finalista por excelência, a Ciência como instituição foi se afastando, aos poucos, de suas qualidades mais essenciais (ALMEIDA, 2017, p. 39).

O mundo pode ser explicado pelos conhecimentos científicos? Sim. Mas não só. Existem outras formas de saber, a cultura tem sua historicidade edificada no domínio dos saberes científicos e nos saberes da tradição. Tanto os saberes científicos quanto os saberes da tradição expressam formas de conhecer embora por estratégias distintas. “Para não morrermos de frio no pico do iceberg da Ciência abstrata” e assim evitar sua necrose que urge dar espaços que permitam descortinar outras formas de saberes e conhecimentos, a chamada ciência do concreto (ALMEIDA, 2017)

O que sabemos é que, dada esta incomunicabilidade no campo dos saberes, os saberes da tradição vão encontrando cada vez menos espaços, cada vez mais isolados vão lutando pela sobrevivência em meios às adversidades. É a partir de um estado de espírito atento que são reorganizadas as estruturas cognitivas que oferecem sustentação aos saberes da tradição. Este

olhar não se encontra viciado pelo saber institucional, mas nem por isso deixa de ter seu rigor, mesmo nas correntezas de um rio revolto (ALMEIDA, 2017).

Para retratar este olhar, trago novamente à arena das discussões o balde de leite, aquele avistado por mim descendo rio abaixo, quando, no primeiro capítulo relato um acidente ocorrido às margens da estrada que dá acesso à Reserva Mata do Passarinho. No momento em que o avistei, por mais estranho que tenha achado, aquele balde de leite não me disse nada. O meu olhar viciado e enraizado nos saberes científicos não foi suficiente para perceber o que a presença daquele balde significava.

Naquele caso, o rio seria o leitor de primeira ordem, poderia ser um sistema capaz de fazer a leitura daquele corpo estranho. Talvez, se a mesma cena tivesse sido presenciada por um intelectual da tradição, este teria sido capaz de antever o acidente. Sendo leitor de segunda ordem, encontra-se, em uma escala de proximidade maior com o ambiente natural. Assim, o intelectual da tradição seria capaz de prever que aquele balde de leite descendo em um rio poderia anunciar que algo aconteceu de errado.

A simbologia do balde de leite descendo o rio sem que nenhum significado isso me trouxesse representa para mim uma metáfora do distanciamento dos conhecimentos científicos da leitura da natureza, acredito não sermos mais capazes de interpretar o que ela tem a nos dizer, nos encontramos muito distantes da escuta sensível proposta por Bosco Filho (2015) e mais longe ainda dos diagnósticos construídos por Chico Lucas na leitura feita a partir das lições dadas pelo ambiente natural.

Necessitamos construir estratégias que nos remetam à sensibilização, ser este sujeito de conhecimento imbricado no conhecimento, constitui-se em um dos princípios para um pensamento que une. O meu olhar é direcionado, não reconhece o campo subjetivo, elemento negado pelo contexto das ciências modernas, o que favorece o processo de mecanização, padronização.

Bosco Filho (2015) traz uma passagem que se intitula *Os sinais que vêm do olhar*. Nesta passagem, o autor retrata um encontro com Chico Lucas em que, quando caminhavam, Chico conversa com uma ovelha e diz que avisasse seu dono que ela se encontrava doente. Logo, Bosco, tomado por curiosidade, indaga a Chico o porquê dele está falando aquilo. Ele responde que era só olhar para os olhos da ovelha, o olhar era morto e sem brilho, e que quando um olho não tem brilho falta vida, pois a vida é sempre viva e brilhante. Esse fato fez com que Bosco refletisse sobre a vida e sobre o olhar.

Advogar em favor de uma sensibilidade mais concreta e plena de um sujeito que vivencia uma vida desprovida de benesses da dita sociedade do conhecimento talvez seja

outra vertente de conhecimento da ciência, é o que Almeida (2017) vai chamar de vetores de sensibilidade mais plenos. Essa abertura, ainda segundo a autora, não emergirá de reformulações teóricas, conceituais, axiomáticas, metodológicas, mas sim de sujeitos que se cobrem uma auto-eco-organização, que se exercitem como sujeitos implicados no mundo.

Nenhuma mudança, revolução ou metamorfose se faz por decreto, por normas. Nenhum mapa previamente construído nos servirá de orientação para a exploração de cenários novos ainda desconhecidos e por experimentar. É talvez de uma nova cartografia aberta a trilhas ainda por desenhar que se deve valer o intelectual-nômade (ALMEIDA, 2017, p. 179).

Esta simbologia me fez pensar em outra história contada pelo pai de Marcelo Gleiser e por ele lembrada em seu livro *A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida* (2016), a lenda das duas rãs e do balde de leite:

Era uma vez, duas rãzinhas que caíram num balde cheio de leite. A primeira rãzinha nadou e nadou, batendo as perninhas, tentando pular para fora do balde. Mas o balde era alto, e suas pernas pequenas. Logo ficou cansada e desistiu de lutar, morrendo afogada em segundos. A segunda rãzinha era diferente. Mesmo cansada, não desistiu, e continuou batendo as pernas com toda força. Tanto fez que o leite foi engrossando e virou manteiga. A segunda rãzinha era diferente. Mesmo cansada, não desistiu, e continuou batendo as pernas com toda a força. Tanto fez que o leite foi engrossando e virou manteiga. A segunda rãzinha respirou fundo e, usando toda a força que lhe restava, deu um grande pulo para fora do balde (GLEISER, 2016, p. 127).

Gleiser concluía que seu pai, ao terminar a história, perguntava-lhe que tipo de rã gostaria de ser e desde então, nunca mais, ele havia parado de bater suas pernas. É como esta segunda rã que o intelectual da tradição se assemelha, alguém que faz da dificuldade degrau para superação, que usa sua força para não desistir, que transforma problemas em soluções, que utiliza os saberes da natureza para produzir conhecimento. Assim sobrevive.

A ciência carrega em seu bojo o objetivo de dar sentido ao desconhecido, mas sabemos que a construção desse conhecimento sobre o mundo não tem fim, porque crescem igualmente a ilha do conhecimento e as praias da ignorância. Quanto mais sabemos, mais descobrimos o quanto não sabemos (GLEISER, 2016).

Um ponto crucial na obra de Gleiser (2016) é o que ele vai chamar de incognoscível, em outras palavras, o autor ressalta que alguns fenômenos naturais nunca serão explicados pela ciência, o que frustra quem acredita no poder triunfal dela, o que não significa desistir da busca, mas ter a humildade para reconhecer que nem tudo pode tudo na vida. Então, Gleiser ressalta alguns exemplos de incognoscíveis, das ciências cósmicas às cognitivas, como não poder investigar o que está além do horizonte cósmico, não poder explicar a aleatoriedade dos fenômenos quânticos de forma determinística, não poder construir um sistema de regras lógicas fechadas, de forma que qualquer afirmação nesse sistema possa ser provada com essas

regras, não poder incluir um computador numa simulação, não poder compreender a nossa consciência, a própria mente humana.

Gleiser salienta que queremos ver mais do que podemos, fato que produz o conhecimento por ser resultado da tensão criativa entre o querer e o não poder, estamos no oceano do desconhecido e nele nos perdemos após alguns poucos passos. E ainda afirma ser a ciência a que nos ensina que somos criações cósmicas raras, aglomerados de poeira vinda de restos de estrelas, moléculas animadas pela faísca da vida, capazes de se perguntar sobre suas origens. A ciência é linda, mas precisa oportunizar as várias formas de conhecer o inconhecível. “Se o conhecimento é uma luz, está cercado por trevas” (GLEISER, 2016, p. 86).

A necessidade em estabelecer novas alianças para não sermos esmagados pelo conhecimento bate à nossa porta. O vínculo homem-natureza clama para ser estabelecido. O mundo convencido de suas certezas já se perde em meio às incertezas, e é numa nova cosmovisão da ciência que podemos encontrar possibilidades para abriremos espaços às mais diferentes expressões do saber. Essa ideia de libertar o homem do pavor ou da esperança do futuro é, porém, fruto de uma posição profundamente pessimista. Qual é o papel do homem? Retirar-se deste mundo, ou participar da construção de um mundo melhor? (PRIGOGINE, 2009).

E à escola? Ficam muitas perguntas, faltam respostas.

Gleiser chama a atenção para o despertar, para eclodir a vontade de aprender e propõe um ensino que fuja dos padrões e muralhas da sala de aula.

Precisamos de uma mudança de estratégia. A ciência é uma descrição do mundo natural. Para aprendermos como a Natureza humana funciona, temos que prestar atenção, olhar para o mundo. Mas não é o que acontece. Com raras exceções, as ciências são ensinadas na sala de aula, com as crianças olhando para um quadro-negro ou uma tela de computador, longe da Natureza. Para se interessar pela Natureza, se apaixonar pelo seu estudo, as crianças precisam antes vê-la em ação. Para ensinar com sucesso é preciso despertar a vontade de aprender (GLEISER, 2016, p. 101).

À instituição escola fica o desafio e o poder de escolha: ou serem gaiolas, ou serem asas, como perfeitamente elucidou Rubem Alves (2002, p. 22), em “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”.

*Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.
Deixaram de ser pássaros.*

*Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar
aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser
ensinado.
Só pode ser encorajado.*

À educação compete abrir as portas para um diálogo permanente entre as ilhas de resistência e os saberes científicos, buscando uma essência que seja capaz de estabelecer uma conexão entre ciência e tradição. É urgente superar esta fragmentação abrindo-se às lições não científicas, as quais podem ser consideradas como uma forma válida de ler mundo, permitindo e fomentando a complementaridade entre esses saberes e os conhecimentos da educação formal podem ser vistos como uma missão da escola e da universidade na sociedade contemporânea.

Reconhecer os saberes da tradição é propor uma ciência aberta, que seja capaz de dialogar com outras narrativas, imperando assim uma democracia do conhecimento e das ideias imbricada numa sociedade mais humana e menos desigual, com encontros e reaproximações fecundas. De um lado, os saberes científicos fracionados, não comunicantes; de outro, os saberes tradicionais entendidos como cristalizados, sem evolução popular, tratado como filho bastardo da aventura do conhecimento e excluído do âmbito da socialização e comunicações oficiais (ALMEIDA, p. 59).

É acreditando em uma ciência que voa, que descortina o mundo e que se abre para um conhecimento embriagado de significados, que rompa com a inércia, valorize a cultura e sabedoria popular, alargue horizontes pedagógicos, que ainda possa ser possível nos enxergarmos frente ao espelho, reconhecendo a nossa existência e o valor que reside em nossa essência.

Em hipótese alguma o livro dos saberes científicos deve ser fechado, é o livro dos saberes da tradição que necessita ser aberto. A escola pode instaurar esta abertura, propiciar o diálogo. Quantos aprendizados poderiam ser ministrados, propugnando o descortinar de uma nova forma de ensinar e de aprender. A ciência necessita estabelecer um elo com a vida, edificando construções que ficam como a sabedoria.

Ao trilhar os caminhos da docência vejo na escola o espaço para as transformações e reformas das nossas concepções enquanto profissionais do ensino, local para tecermos nossas atividades no campo da subjetividade, ambiente pra darmos espaços a um ensino de Ciências que esteja conectado às relações sócio-históricas, culturais e humanas de sujeitos que necessitam de uma “escuta sensível” por parte de nós, professores. Ensinar perpassa por uma educação de transformação pautada no desenvolvimento integral dos sujeitos.

A *Reforma do Pensamento* é uma via de possibilidades à transformação das ideias e das atitudes, possibilitando a aproximação dos saberes diversos e múltiplos para uma educação que esteja voltada aos valores éticos da humanidade. A criação de um cenário que ressignifique o nosso papel urge por estar interligado o fortalecimento da dialogicidade e das reflexões sobre as múltiplas aprendizagens que podem ser construídas pelo fortalecimento da relação homem-natureza.

O ensino ainda ancora-se permeado na racionalidade, descarta as emoções e os afetos e ignora que há outras possibilidades de aprendizagens em outras esferas do saber. Os conflitos pessoais dos nossos alunos não é questão de interesse nesse universo e o que impera é a fragmentação e isolamento das ciências. Por isso, acredito estar na possível *Reforma do Pensamento* uma esperança para o nascimento de um novo fazer pedagógico, que sirva de base para oportunizar a construção social de atitudes éticas e humanas.

Práticas pedagógicas necessitam serem fecundas, retroalimentadas por estratégias que superem os limites conteudistas e cedam espaços para o diálogo entre os saberes científicos e os saberes da tradição. A religação desses saberes é uma oportunidade de experimentação cognitiva para a construção significativa do conhecimento e diálogo com o mundo. Não é tarefa fácil, porque não estamos tratando de desconstruir as teorias institucionais, mas ressaltando que o saber docente não se ampara somente por elas. Há outras linguagens, outros saberes, outras teorias.

Esta possível *Reforma do Pensamento* visa propostas educativas que estejam comprometidas com a formação e autoformação dos sujeitos. Daí decorre a importância do pensamento complexo como alicerce para esta possível reforma das nossas práticas educativas, por ser este pensamento articulante e multidimensional, que acolhe os erros, o incerto, a aliança entre os saberes, o real e o imaginário. Enquanto a educação estiver sob o estigma da fragmentação o conhecimento não conseguirá atingir o patamar do significativo. E, se não tem significado, não há produção de conhecimento, não foi construído e sistematizado. O esmagamento disciplinar tira do foco o ser humano e a natureza, elementos que devem estar indissociáveis e que são imprescindíveis para uma aprendizagem efetiva.

Os pressupostos do dito conhecimento científico nos trouxeram até aqui, mas a duras penas. Em outras palavras, foi em detrimento de outros conhecimentos, igualmente importantes, porém tidos como desqualificados e inadequados, sob uma perspectiva exploradora, que os saberes científicos imperaram. No entanto, não podem e nem devem ignorar a importância que tiveram os outros conhecimentos marginalizados. A Reserva Mata

do Passarinho representou um momento de “reservar” tempos importantes de reflexão, para repensarmos a importância de avizinhar saberes.

O monopólio econômico recrutou a ciência institucionalizada para dominar o mundo. Mas hoje se vê uma sociedade doente, que alberga doenças físicas e psíquicas. Mesmo não sendo reconhecido, estão nos saberes da tradição muitos dos conhecimentos que alimentam o poderio socioeconômico. Precisamos admitir que não há mais tempo nem espaço para continuarmos a fingir que não existem outras formas de saber, com suas estratégias cognitivas próprias. Proponho o avizinhamo e não a hegemonia. A reserva me pôs a repensar um tempo para a minha prática pedagógica.

O caráter disjuntivo entre os saberes da tradição e os conhecimentos científicos permite a incomunicabilidade entre estes campos e opera fissuras na maneira como compreendemos a vida. Por isso a necessidade de reformarmos as nossas mentes para que o humanismo seja regenerado, tornando-se essencial resgatar sentimentos de solidariedade humana, que, por vezes, não se encontra nos alicerces das práticas escolares. A Reforma do Pensamento é, pois, uma condição existencial.

O conhecimento científico não consegue dar conta de tratar unilateralmente dos problemas da sociedade. Por isso, apresento a seguir, algumas sugestões que possam servir como ideias transformadoras às práticas educativas.

1. Repensar o fazer pedagógico a partir de uma “escuta sensível”. Ouvir o nosso aluno, deixar aflorar as suas emoções, desejos, afetos e conhecimentos, possibilitando sempre o diálogo. O início da aula é propício para isso. Nessa escuta encontra-se um olhar para singular e para o diverso, um sentimento de cuidado e de segurança, um alimento que nutre a relação professor/aluno, ensino/aprendizagem.
2. Sair do comodismo das cadeiras enfileiradas, que distancia sentimentos. Por que não podemos sempre estar em círculos? Mais ainda por que só serve a sala de aula? Saia dos muros escolares, há muito a ser ensinado em outros espaços. Pode ser a praça da nossa cidade, o supermercado, um ponto turístico que não é explorado, a casa de um aluno, a Câmara de Vereadores, ou explorar o meio ambiente da região. Existem inúmeras oportunidades de construir o conhecimento sem necessariamente seguir as trilhas do racionalismo operante.
3. Proporcionar uma possível *Reforma do Pensamento* pelo diálogo entre saberes científicos e saberes da tradição. A escola precisa abrir as portas e estender as mãos a outras possibilidades de aprendizagens. Para isso, é importante que conheçam o

pensamento complexo proposto por Edgar Morin. Os momentos pedagógicos da escola seriam uma ótima oportunidade para que os professores estudem o pensamento complexo e o coloquem como estratégia em suas práticas educativas.

4. Recompôr o ensino a partir de ciências humanas, que se amparem na vida e em suas necessidades, que parta da necessidade do ser humano, quer biológica ou cultural. A contribuição da educação é com a autoformação, dessa forma, ela precisa estar pautada por um ensino que supere a fragmentação disciplinar.
5. Propor uma ciência aberta capaz de dialogar com outras narrativas. Assim, a escola deve promover, dentro do seu projeto pedagógico a inserção dos saberes da tradição. Trazendo para os espaços escolares os intelectuais da tradição, ao passo em que, levando a escola ao encontro destes intelectuais.

Considero, neste meu trabalho, que a escola representa um lugar propício para propormos uma possível Reforma do Pensamento, pois configura-se em um ambiente de possibilidades e de esperança. Ao trilhar pelos caminhos da docência pude perceber a professora que era, a que sou e a que desejo ser. A percepção de minha atuação me fez ver que fui moldada pelas ciências da racionalidade, uma mera transmissora de saberes, anos a fio reproduzia o conteúdo, sem estabelecer nenhuma outra conexão. A professora que quero ser não será uma construção fácil, abrir mão de estratégias usadas por muito tempo é propor ressignificar completamente a minha prática. No entanto, permito-me esta possibilidade em reformar o meu modo de pensar e de agir, quero encontrar no ensino um suporte que permita compreender a condição humana da existência, que ajude o meu aluno a viver e que favoreça uma ciência aberta e um pensamento livre. Não quero impor o conhecimento, demonstrar que domino uma disciplina, quero abrir os saberes, romper com a compartimentação, oportunizar vivenciar sabedorias, para que, assim, possamos encarar a realidade com os seus problemas planetários, e quiçá, deixar a inércia para voar por espaços sem limites que vão de encontro aos nossos sonhos.

A partir da minha experiência e da autoformação construída com a realização deste trabalho, pude perceber que nos encontros e desencontros, no construir e desconstruir, houve um desassossego mediante a minha frustração em não ter encontrado com o entufado-baiano. Neste desencontro, reconheço humildemente a minha incompletude diante das intempéries e da frustração, mediante todo aquele excesso de otimismo na perspectiva do encontro.

Que a esperança pela sobrevivência do entufado-baiano, expressa na fala do seu Toinho de Bião “Numa mata que tá plantada o bichinho não morre” possa representar a

sobrevivência dos saberes da tradição, a partir da possibilidade de aproximação com a ciência institucionalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. 2. Ed. e ampl. - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Por uma ciência que sonha. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo; SILVA, Josimey Costa. *Complexidade a flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas – SP: Papirus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha, a metáfora da condição humana*. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOSCO FILHO, João. *As Lições do Vivo: ciências da vida e complexidade*. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- BEZERRA, Juliano César Petrovich. *Ilhas de resistência: conversas entre mestres e aprendiz*. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- DAMASCENO, Sueli Souza. *Distribuição, biologia e estimativa populacional do entufado-baiano (Merulaxis stresemanni) (Passeriformes, Rhinocryptidae), uma espécie criticamente em perigo de extinção da Mata Atlântica*. [Dissertação de Mestrado em Ecologia]. Universidade Federal de Ouro Preto, 2011.
- ENOUT, Alexandre Magno Junqueira. Aguilár, Thaís Maya. Guia fotográfico da Reserva Mata do Passarinho. – Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas.
- GLEISER, Marcelo. *A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.
Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: **Volume III – Aves** / -- 1. ed.- Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018.
- MORIN, Edgar. *Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin*. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org/eventos/ANAIS-Para-Um-Pensamento-do-Sul-Marco2011.pdf>. Acesso em: 12/05/2018.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 18º. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. – 11. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.
- MORIN, Edgar. CIURANA, Emílio Roger. MOTTA, Raul Domingo. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. – São Paulo: Cortez. Brasília. DF – UNEB, 2003.
- SERRES, Michel. *Narrativas do humanismo*. Tradução de Caio Meira. – 1. Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SILVA, Francisco Lucas da. *Um sábio na natureza*. Natal: IFRN, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Entrevista 1

LUCINEIDE: Seu Bui. Bom dia. Olha eu aqui de novo pra dar trabalho pro senhor.

SEU BIU: Que nada moça. Sua presença é uma alegria. Como vai. Vamos chegar.

LUCINEIDE: Vou bem. E o senhor?

SEU BIU: Graças a Deus, tudo tá indo conforme a vontade Dele.

LUCINEIDE: Hoje, o que me traz aqui seu Bui é um trabalho que estou desenvolvendo aqui sobre a reserva, sobre o entufado-baiano e, também sobre o senhor.

SEU BIU: Sobre mim? Ai meu Deus.

Nesse momento, seu Bui me conduz à frente da sua casa, que tem uma varandinha. Ficamos sentados na pilastra e, então, começamos a conversar.

LUCINEIDE: Eu sou encantada com este lugar, seu Bui. Com sua dedicação, seu amor, seu cuidado também.

SEU BIU: Oh, esse lugar é a minha casa. Você sabia? Não é só porque hoje moro aqui não. Eu cresci aqui.

LUCINEIDE: Foi?

SEU BIU: Sim. Essa casa aqui era a mesma casa. Meu pai de uma vendinha que ficava ali em frente. Minha infância foi aqui.

LUCINEIDE: Nossa seu Bui, não sabia. Que interessante. Conta mais.

SEU BIU: Pois é. Fiquei aqui até uns doze anos. Depois fomos pra cidade. Meu sonho era voltar a morar aqui. Tinha noite que eu ficava pensando neste lugar. Gosto da natureza.

LUCINEIDE: Hoje o senhor mora aqui com sua família, não é?

SEU BIU: Sim. Hoje vive eu, a mulher e o quatro filhos.

LUCINEIDE: Aqui não tem televisão, né? Por isso essa renca.

SEU BIU: (Rs) Na verdade, dois eu tive com a primeira mulher e agora tenho mais dois com a segunda, mas moram tudo comigo. Tudo homem.

LUCINEIDE: O senhor não tem vontade de se mudar daqui, não? Como seus filhos fazem para estudar?

SEU BIU: Daqui, saio não. Aqui é minha casa. A natureza é minha casa. Aqui é o meu lugar. Os meninos estudam na cidade de Bandeira. Todo dia eu levo eles no ponto, aí passa o transporte escolar e levam eles. Sei que mais cedo ou mais tarde eles não vão querer ficar

aqui. Longe do celular, da televisão, das coisas do mundo. Mas eu vou entender eles. Só que daqui quero sair não.

LUCINEIDE: Certo. E seu pai, vendeu aqui por quê?

LUCINEIDE: Naquele tempo e até hoje, terra é despesa. Plantava uma coisinha ali, outra acolá, mas não dava renda. Então meu pai vendeu. Chorei demais.

LUCINEIDE: E, como foi que o senhor retornou a este sonho de menino?

SEU BIU: Fiquei sabendo deste projeto que tava sendo desenvolvido aqui pela Fundação. Então, eu corri atrás e fui empregado. Meu Deus. Quando entrei aqui, fiquei feliz como aquele mesmo menino que viveu, correu. Gosto por demais de tudo isso.

LUCINEIDE: Me conta, e como tem sido o trabalho aqui.

SEU BIU. Aqui é trabalho demais, que faço com amor. *Trabalha* eu e mais dois colegas. Só que eles não moram aqui na reserva. Só eu fico aqui. Conseguimos reflorestar muita coisa.

LUCINEIDE: Como é o seu contato com a natureza.

SEU BIU: Natureza não é contato, natureza é viver. A cada dia ela nos ensina algo novo. Ensina que ela renasce, que se tiver amor, tudo renasce. E isso é uma lição.

LUCINEIDE: O senhor planta muita coisa aqui. O senhor conhece as plantas, como é sua relação com elas?

SEU BIU: Aqui a gente planta muita árvore nativa. Agora também *tamos* plantando árvores frutíferas. Já plantamos seis mil mudas de cacau, faltam quatro. Plantamos bananas também. Queremos vender, ao mesmo tempo que cuidar da terra também.

LUCINEIDE: E como é desenvolvido o projeto aqui na reserva.

SEU BIU. Aqui nós tomamos cursos de técnicas de reflorestamento, mas muitas vezes eu dou meus palpites, porque só quem trabalha todo dia com a terra pode dizer que conhece a terra.

Cada lugar tem sua história, seu mistério. Não é em todo lugar que tudo que planta dá não. Tem que conhecer a planta e ver se ela gosta daquele lugar.

LUCINEIDE: Além de cuidar do reflorestamento, vejo que o senhor também é o guia aqui da reserva.

SEU BIU: Isso. Acompanho alunos, professores. Saio também com ornitólogos, muito estrangeiro vem aqui. Só que em dois mil e dezoito nós paramos mais as visitas pra intensificar a procura pelo entufado-baiano.

Nesse instante, seu Biu entra na sala de sua casa e me convida a ver estampado em quadros na sua parede fotos do entufado, de visitantes e pesquisadores. E me chama também para ir até o viveiro.

SEU BIU: Aqui tem vinte mil mudas de árvores nativas que ganhamos do Rio de Janeiro.

LUCINEIDE: Nossa! Muita planta.

SEU BIU: Não, é não, quando a gente olha o tamanho da área. Vamos começar logo, logo, a plantar. A reserva oferece suporte para que haja o reflorestamento e a realização de outros projetos, no entanto, parcerias importantes foram desfeitas e a Fundação Biodiversitas vem buscando outras alianças para que haja continuidade nos projetos. Independente, continuo minha luta diária, cuidando das mudas, replantando, vivendo o meu sonho. Aprendi a escutar as *pranta*, elas *fala*, sabia? É. Eu *cunverso* com elas, elas me *atende*, eu escuto. *Cunheço* todas as muda. Aprendi com meu pai muita coisa, mais muita coisa fui aprendendo sozinho, com a vida. Quando os *povo* vem do estrangeiro eu dou até aula. Viro professor. Aí eu sei que também sei *arguma* coisa, né. Eles *fica* tudo me *oiando*, eu conversar com as *pranta*. Acho que esses *pensa* que sou doido. Mais não sou não. Eu sou é apaixonado por elas e elas por mim. Creia?

LUCINEIDE: E o entufado, seu Biu?

SEU BIU: O entufado-baiano é a esperança dessa reserva, né. Temos muitos outros pássaros. Você viu no guia, não viu?

LUCINEIDE: Vi sim. Muito pássaro bonito. Bonito mesmo.

SEU BIU: Foi assim, num finzinho de tarde eu tava aqui, sentado na frente de casa. Tava tranquilo, calmo. Só eu. De repente eu vi, nem acreditei. O passarinho, era uma fêmea, bem pertinho. Tava no pé de goiaba. Lada a lado com eu. Quase choro. Mas ele ficou pouco, aliás, ela, né. (rs). Você já recebeu uma anestesia? Foi assim que senti, anestesiado. Não tinha ninguém pra eu contar. Todos os dois que trabalha aqui já tinha ido embora. Eu sozinho só eu, Deus e o passarinho.

APÊNDICE B: Entrevista 2

LUCINEIDE: Bom dia seu Toinho. Que prazer rever o senhor.

SEU TOINHO: Oh, minha filha. Que prazer. O prazer é meu.

Seu Toinho estava sentado em frente a sua casa quando cheguei. Prontamente levantou, com a simplicidade e o carisma desde a primeira vez que o vi. Porque já faz uns dez anos que tive o prazer em conhecer o seu Toinho.

LUCINEIDE: Vim aqui só pra ver o senhor.

SEU TOINHO: Jesus! Será que eu mereço tanto?

LUCINEIDE: Claro que merece. Na verdade, sou eu quem estou precisando do senhor.

SEU TOINHO: De mim? Oh, meu Deus, em que será que eu, um velho como eu, poder ajudar em alguma coisa?

LUCINEIDE: O senhor pode até não reconhecer, mas o senhor tem um grande potencial, conhece muito mais do que muita gente. Mas o que me traz aqui hoje, seu Toinho, é sobre um trabalho que estou desenvolvendo para minha faculdade. Quero falar da Reserva Mata do Passarinho, quero falar do entufado-baiano, quero falar do senhor. Quero falar de tudo um pouco.

SEU TOINHO: Ah. A reserva. Eu? Vixe. Tô famoso.

Cheguei em sua mercearia por volta das onze horas da manhã e saí lá pelas quatro e meia da tarde.

LUCINEIDE: Seu Toinho, por que o nome Toinho de Bião?

SEU TOINHO: Antigamente a gente ficava também com o nome do pai da gente. O apelido de papai era Bião. O meu nome Antônio. Apelido de Toinho. Aí, então, todos me chamavam de Toinho de Bião, desde pequeno. Acabei ficando conhecido até hoje.

LUCINEIDE: Certo. Seu Toinho, vejo que o senhor mora em um lugar muito bonito, tem muita água, cada cachoeira linda, só que é bastante isolado da cidade. O acesso é difícil. O senhor já pensou ou não pensa em se mudar daqui, não?

TOINHO DE BIÃO: Nasci, cresci e vou morrer aqui, não gosto deste negócio da cidade, lá não é que nem aqui, aqui a gente é amigo e eu também não sei nada.

LUCINEIDE: Como assim não sabe nada?

TOINHO DE BIÃO: Não sei ler nem escrever.

LUCINEIDE: Mas isso não é sinônimo, em hipótese alguma de não saber nada. O senhor sabe muito, e muito mesmo, é por isso que estou aqui.

TOINHO DE BIÃO: Sei nada, minha filha.

LUCINEIDE: Agora quero saber por que este lugar chama Taboão da Serra.

TOINHO DE BIÃO: Olha, aqui tinha muita taboa, mas muita taboa mesmo. Foi um crime ambiental a retirada da taboa. A taboa retém a água. Com isso, onde tem taboa tem água sempre. Você vê e acha que hoje tem muita água. Tu não sabe o que é água. Queria ver como era antes desse povo fazer isso.

LUCINEIDE: Que povo, seu Toinho?

TOINHO DE BIÃO: Os fazendeiros aqui da redondeza. Ninguém quis ouvir meus apelos. Fiquei muito triste. Hoje eles já sentem. Amanhã será ainda pior. Tu vai ver.

LUCINEIDE: E pra que retiraram a taboa?

TOINHO DE BIÃO: Para fazerem pasto. Criar gado. Ter dinheiro. Além da taboa derrubaram árvores centenárias. Ipê, jatobá...

LUCINEIDE: Mas, seu Toinho, pra que serve mesmo a taboa? Só pra segurar água?

TOINHO DE BIÃO: Antigamente o povo daqui comia a taboa. É. É verdade. Tu, não creia? Ela é como uma espiga de milho. *Nois* gostava. Meu pai tinha o prazer de reunir aquela *fiarada* pra comer. *Dispois*, a taboa também *servia* de remédio pra *firida*, machucado. Minha mãe fazia um creme, assim, botava no machucado. Noutro dia já *tava* secando. É verdade. Sei que muita gente não *creia*. Mais *nois* se curava. Também me lembro que a *muierada* fazia esteira.

Nesse momento seu Toinho riu como um menino.

TOINHO DE BIÃO: Tu é muito nova, não sabe o que é esteira.

LUCINEIDE: sabia sim, que com a esteira as pessoas faziam artesanato, cestas, bolsas, ornamentavam suas casas, além de serem usadas como tapete. Falei a ele que hoje as pessoas ainda vendem e que não é baratinho não.

SEU TOINHO DE BIÃO: quase não acreditou, porque achava que ninguém mais mexia com isso.

Seu Toinho para a nossa conversa para atender a clientela da sua mercearia. Gentilmente me serve almoço.

LUCINEIDE: Como foi passar a vida toda do senhor aqui? O senhor poderia me dizer como era o período de chuva. Suas previsões sobre se ia ou não chover.

SEU TOINHO: Antigamente a gente ouvia o radinho de pilha. Não tinha luz por aqui. Eu escutava o rádio e passava o tempo, falava que dava chuva em São Paulo. Fazia minhas previsões e avisava a vizinhança que com três dias chovia aqui. E chovia mesmo.

LUCINEIDE: E como o senhor sabia? O senhor sabe onde fica São Paulo? Já Foi...

SEU TOINHO: Sim. Sim. Eu já fui pra São Paulo a pé. Quer dizer, no lombo do jegue. Mas caminhava muito. Muito mesmo. Meu pai entregava casca pra remédio em São Paulo. Casca de. Eu e meus irmão ajudava ele. Era bom demais. Levava 30, 40 dias pra chegar. Descarregar. Depois voltar. Então eu sempre fui muito ligado nas distâncias. Mesmo não sabendo ler nem escrever. A cada parada eu cronometrava na mente quanto tinha andado. Nós via a chuva acompanhando a gente. Fui observando. Quando chegava aqui e falava que hoje vai chover, todo mundo acreditava em mim. Eita, ficava feliz demais. Chuva é coisa de Deus, mas pra nós, que mora longe, com essa estrada, nem sempre era bom. Porque quando alguém adoece ou vai dar à luz até hoje é difícil.

LUCINEIDE: Devia ser muito prazeroso viajar assim, conhecer lugares, pessoas, estar perto da natureza.

SEU TOINHO: Ela me entendia e eu entendia ela, eu conversava com ela, conversava naquelas noites de céu iluminado, porque nós não tinha luz, era o *candieiro*, mas meu pai apagava tudo, ficava todo mundo conversando com as estrelas, contando causo. Era muito bom, mas num volta né. Olha, minha filha. A natureza tem poder, tem encantamento. Eu gosto de sentar perto da natureza. Ficar observando ela. Você já parou pra pensar nisso? Fique pelo menos uma hora do dia a observar o que a natureza tem a dizer.

LUCINEIDE: Somente agora tenho aprendido a ouvir um pouco melhor a natureza. O seu silêncio.

SEU TOINHO: Não. A natureza não tem silêncio. Ela fala. Mas não é qualquer um que pode ouvir. É só quem observa ela todo dia. Não é um dia. Parar. E tal. É todo dia. Uma lição de todo dia.

Seu Toinho atende mais fregueses. Sempre carismático e risonho.

LUCINEIDE: O senhor não fica triste, não?

SEU TOINHO: Com o que?

LUCINEIDE: Está sempre rindo, alegre, animado.

SEU TOINHO: Triste com o que, minha filha. Olha isso. Eu sou rico. Tenho meus filhos tudo já criado. Tô com saúde, não é de ferro, mas tô levando a vida.

LUCINEIDE: E a escola aqui na frente. Ela funciona ainda?

SEU TOINHO: Essa escola é a minha alegria. Funciona sim. Minha filha é professora, desde quando a escola foi criada. Tem mais de vinte anos. Essa conquista eu fico feliz. Sabe por que? Porque a meninada da redondeza pode estudar. O ruim é quando eles tem que continuar, nem todos vão. A estrada é ruim para a cidade. Os pais têm medo.

Nesse momento, seu Toinho me leva até sua casa que é ao lado da mercearia, para me apresentar à sua filha. Todo animado. Conheço a sua filha que conversa um pouco comigo. Fala das

dificuldades em ensinar séries multisseriadas. Menciona também as múltiplas funções que desenvolve na escola, sendo não somente a professora, mas a cozinheira e a zeladora, para ser remunerada apenas como professora. Depois da nossa conversa, retorno para a mercearia, para continuar o meu bate-papo com o senhor Toinho.

LUCINEIDE: Quero falar agora da Reserva Mata do Passarinho.

SEU TOINHO: Ah, minha filha. Aquele lugar conheço bem. A fazenda era Arrebol 1. Porque tinha a 2, sabe? Fui muito lá pegar leite, roçar. Os donos eram gente boa. O problema foi derrubar as árvores para vender. Dava muito dinheiro. Mas sobrou muita mata. Lá tem árvore virgem demais. Tem onça. Onça parda. Tem de tudo. Tem uma nascente que cai no rio de Areia. Rio que hoje tá quase morto. Tá assoreado. Aí veio o pessoal, replantando a floresta, cuidando da mata. Tá bonito de se ver. Ali é um presente de Deus.

LUCINEIDE: E quanto ao passarinho mais famoso de lá?

SEU TOINHO? O *bichin* é do tamanho de uma sabiá, o macho é diferente da fêmea, eles só vive bem *iscondido*, pra ver tem que entrar na mata. Quando eu ia pro mato mais meus *irmão*, *nóis* via eles, mas nunca *demo* importância. Só depois da fama é que a gente aqui comenta. Mas nós chamava de outro nome, só que ... Como era? Lembro mais não.

LUCINEIDE? Diferente como, seu Toinho?

SEU TOINHO: O macho é preto, a fêmea é marrom, mas os dois tem um tufo assim, na cabeça.

LUCINEIDE: O senhor sabe que hoje tem menos de dez indivíduos da espécie, só seis foram encontrados nas últimas pesquisas.

SEU TOINHO: E foi? Acho que deve ter mais. O problema é que o danado gosta de lugar bem cuidado. Gosta de ficar escondido. Aí, às vezes, confunde ele com a mata.

LUCINEIDE: O senhor, então, acredita que ele vai se recuperar, vai sair dessa ameaça de extinção?

SEU TOINHO: Lógico, *claro* que sim, o povo tá cuidando do lugar, lá tem até onça, tem muito passarinho bonito. Numa mata que tá prantada o *bichin* não morre. Também não entra ninguém pra caçar. Antes entrava muito, mais hoje o povo tá de *oio*.

Completei se ele tinha esperança de dias melhores e sua resposta me cativou mais ainda:

Olha minha filha, nós *num* tem porque reclamar. Aqui *nós tem tudo*. *Nós mesmo planta*, *nós mesmo colhe*, *nós mesmo cria a carne*, tem galinha, tem porco, falta a carne de boi, mas de fome ninguém morre. O povo reclama demais da vida. O ruim só é quando adocece, aí é ruim, mas depende da doença, aqui mesmo nós temos nossas *planta* que cura.

